



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira
Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica

Ana Paula Klippel Lopes

**A tela que revela a escola: uma análise do “Projeto Escola no
Cinema” como um espaço educativo não formal**

Rio de Janeiro
2020

Ana Paula Klippel Lopes

**A tela que revela a escola: uma análise do “Projeto Escola no Cinema”
como um espaço educativo não formal**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Andrea da Paixão Fernandes

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CAP/A

L864 Lopes, Ana Paula Klippel.

A tela que revela a escola: uma análise do “Projeto Escola no Cinema”
como um espaço educativo não formal / Ana Paula Klippel Lopes. – 2020.

81 f : il.

Orientadora: Andrea da Paixão Fernandes.

Dissertação (Mestrado em Educação Básica) - Universidade do Estado
do Rio de Janeiro, Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira.

1. Cinema – Educação – Teses. 2. Professores – Formação – Teses. 3.
Educação não-formal – Teses. I. Fernandes, Andrea da Paixão. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Aplicação Fernando
Rodrigues da Silveira. III. Título.

CDU 37:791.43

Albert Vaz CRB-7 / 6033 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ana Paula Klippel Lopes

**A tela que revela a escola: uma análise do “Projeto Escola no Cinema”
como um espaço educativo não formal**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 26 de novembro de 2020.

Banca Examinadora:

Profª Drª. Andrea da Paixão Fernandes (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Profª Drª. Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Profª Drª. Sandra Regina Sales
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Drª Jonê Carla Baião (suplente)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof. Dr. Rogerio Mendes de Lima (suplente)
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

Dedico à minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão Marcos.

AGRADECIMENTOS

Começo meus agradecimentos com a sensação de que sou uma pessoa de muita sorte, não a sorte de algo inesperado, mas a sorte de alguém que teve ao seu lado uma família que sempre incentivou e acreditou em sua caminhada. Meu pai e meu irmão Marcos que nunca permitiram que nada me faltasse e principalmente minha mãe que é a luz que ilumina meus dias. Em nossas conversas, minha mãe e eu sempre nos lembramos do dia em que me ensinou a andar de bicicleta sem rodinhas, onde ela corria segurando o banco e sempre repetindo “não pare de pedalar!”. Nós duas sabemos a importância desse dia simbólico, que sempre volta em nossas memórias, o percurso nem sempre será fácil, mas sabemos que não podemos em hipótese nenhuma parar de pedalar.

Agradeço a oportunidade de poder fazer parte do Programa de Pós Graduação de ensino em Educação Básica – PPGEB-CAp-UERJ e principalmente à minha querida orientadora Andrea Fernandes que além de intensa dedicação e trabalho, foi muito mais, me inspirou e mostrou o real ofício do educador, não negando suas origens freiriana e da Educação de Jovens e Adultos, onde a mesma me disse que “ninguém ficará para trás!” e seguiremos juntas até o final.

À Simone por todo amor, por sempre acreditar em meus passos e sonhos, pela parceria incansável ao longo desses anos e pelos dias mais coloridos que pude ver.

À Louise e Carolyn por imenso carinho, dedicação e incentivo em muitos momentos difíceis em que foram fundamentais e também pelas comemorações em dias de muita alegria como na maior festa do mundo, o carnaval.

Um agradecimento muito especial à Patrícia Durães, criadora do Projeto Escola no Cinema, por autorizar a pesquisa fornecendo dados tão importantes e concedendo uma entrevista inspiradora com a história do Projeto. Não poderia deixar de mencionar que a menina Ana Paula, aluna da escola Municipal Minas Gerais também agradece à iniciativa do Projeto.

Tarefa difícil agradecer a todos que fizeram parte da caminhada e que de alguma maneira colaboraram, incentivaram e fizeram com que o percurso fosse mais leve e agradável. Aos amigos da vida, muito obrigada!

Cinema Novo

O filme quis dizer "Eu sou o samba"
A voz do morro rasgou a tela do cinema
E começaram a se configurar
Visões das coisas grandes e pequenas
Que nos formaram e estão a nos formar
Todas e muitas: Deus e o diabo, vidas secas, os fuzis
Os cafajestes, o padre e a moça, a grande feira, o desafio
Outras conversas, outras conversas sobre os jeitos do Brasil
Outras conversas sobre os jeitos do Brasil
A bossa nova passou na prova
Nos salvou na dimensão da eternidade
Porém aqui embaixo "A vida mera metade de nada"
Nem morria nem enfrentava o problema
Pedia soluções e explicações
E foi por isso que as imagens do país desse cinema
Entraram nas palavras das canções
Entraram nas palavras das canções
Primeiro foram aquelas que explicavam
E a música parava pra pensar
Mas era tão bonito que parece
Que a gente nem queria reclamar
Depois foram as imagens que assombravam
E outras palavras já queriam se cantar
De ordem e desordem de loucura
De alma a meia-noite e de indústria
E a Terra entrou em transe
E no sertão de Ipanema
Em transe é, no mar de monte santo
E a luz do nosso canto e as vozes do poema
Necessitaram transformar-se tanto
Que o samba quis dizer
O samba quis dizer: eu sou cinema

O samba quis dizer: eu sou cinema
Aí o anjo nasceu, veio o bandido meterorango
Hitler terceiro mundo, sem essa aranha, fome de amor
E o filme disse: Eu quero ser poema
Ou mais: Quero ser filme e filme-filme
Acossado no limite da garganta do diabo
Voltar a Atlântida e ultrapassar o eclipse
Matar o ovo e ver a vera cruz
E o samba agora diz: Eu sou a luz
Da lira do delírio, da alforria de Xica
De toda a nudez de índia
De flor de macabéia, de asa branca
Meu nome é Stelinha é Inocência
Meu nome é Orson Antonio Vieira conselheiro de pixote
Superoutro
Quero ser velho de novo eterno, quero ser novo de novo
Quero ser Ganga bruta e clara gema
Eu sou o samba viva o cinema

Caetano Veloso e Gilberto Gil

RESUMO

LOPES, Ana Paula Klippel. **A tela que revela a escola**: uma análise do “Projeto Escola no Cinema” como um espaço educativo não formal. 2020. 81 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta pesquisa se constitui a partir de um estudo de caso de professor e turma participante do Projeto “Escola no Cinema”, promovido pelo Espaço Itaú de Cinemas, na cidade do Rio de Janeiro. A partir do entendimento do cinema como espaço educativo não formal, esta pesquisa tem por objetivo investigar os possíveis impactos do cinema para os estudantes e para os professores participantes do Projeto. Gohn (2001) e Fresquet (2017) são autoras de referência para compreendermos os estudos sobre educação em espaços não formais e o cinema na educação. Para a fundamentação sobre estudo de caso, nos ancoramos em Osório; Meirinhos (2010) e para tecer as análises dos dados de pesquisa utilizando-se da metodologia e técnica de Análise de Conteúdo, dialogamos com Franco (2008). A pesquisa considera a importância da ocupação, por estudantes, tanto dos espaços de cinema, como da cidade por meio dos itinerários percorridos entre a escola e o cinema, além das atividades que podem ser parceiras da escola no processo de ensino-aprendizagem. Para a obtenção de dados para a pesquisa foram feitas entrevistas com professor participante do Projeto e com sua gestora. A entrevista com o professor participante nos permitiu reconhecer, no caso em estudo, os benefícios do Projeto “Escola no Cinema” para professores da educação básica e para os estudantes das turmas participantes. Para isso, foi realizada a análise categorial-temática fundamentada na Análise de Conteúdo. A entrevista com a gestora nos permitiu ampliar a compreensão do Projeto em si e estabelecer diálogos com o professor participante entrevistado. A partir desta dissertação elaboramos o produto educacional que consiste em: (1) realização de oficina pedagógica visando trabalhar a vivência do cinema e o exercício de viver a cidade; (2) criação de aplicativo para celulares.

Palavras-chave: Espaços não formais. Cinema e escola. Formação de professores.

ABSTRACT

LOPES, Ana Paula Klippel. **The movie screen that reveals the school**: an analysis of the “Projeto Escola no Cinema” as a non-formal educational space. 2020. 81 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This research is based on a case study of a teacher and class participating in the “Escola no Cinema” Project, promoted by Espaço Itaú de Cinemas, in the city of Rio de Janeiro. Based on the understanding of cinema as a non-formal educational space, this research aims to investigate the possible impacts of cinema for students and teachers participating in the Project. Gohn (2001) and Fresquet (2017) are reference authors to understand studies on education in non-formal spaces and cinema in education. For the foundation on case study, we anchored in Osório; Meirinhos (2010) and to weave the analysis of research data using the methodology and technique of Content Analysis, we dialog with Franco (2008). The research considers the importance of the occupation, by students, both of the cinema spaces, and of the city through the itineraries traveled between the school and the cinema, in addition to the activities that can be partners of the school in the teaching-learning process. In order to obtain data for the research, interviews were conducted with a professor participating in the Project and with his manager. The interview with the participating teacher allowed us to recognize, in the case under study, the benefits of the “Escola no Cinema” Project for teachers of basic education and for the students of the participating classes. For this, a categorical-thematic analysis based on Content Analysis was carried out. The interview with the manager allowed us to expand the understanding of the Project itself and establish dialogues with the interviewed participating teacher. Based on this dissertation, we developed the educational product that consists of: (1) conducting a pedagogical workshop aimed at working on the experience of cinema and the exercise of living the city; (2) creating an application for cell phones.

Keywords: Non-formal spaces. School at cinema. Teacher training

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 EM AÇÃO – ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO FORMAIS E POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA EDUCATIVA	18
1.1. Cinema e escola	30
1.2. Como o cinema começou a ser visto como espaço educativo	35
2 FLASH BACK – OLHARES SOBRE O PROJETO ESCOLA NO CINEMA	38
2.1 Conversa com a idealizadora do Projeto	40
3 SCRIPT – ROTEIRO DA CAMINHADA	47
4 DECUPAGEM– CENAS E LEITURA DO PERCURSO	58
PRODUTO EDUCACIONAL – MISE-ENSCÈNE	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS – SINOPSE	74
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A – Ficha de cadastro de professores	79
APÊNDICE B – Roteiros da entrevista professores	80
APÊNDICE C – Roteiro entrevista Patrícia Durães	81

INTRODUÇÃO

A escola, segundo a nossa legislação¹, é um local obrigatório a ser frequentado para que todas as crianças (entre 4 e 17 anos) tenham acesso ao conhecimento formal e sistematizado de nossa cultura. Além disso, é também um espaço de socialização e formação cultural, política e cidadã. Gadotti (2005) defende que a educação é um dos requisitos básicos para o convívio do indivíduo em sociedade e para o desenvolvimento e manutenção da democracia. No trecho a seguir Gadotti nos fala sobre esse direito à educação:

(...) o direito à educação é reconhecido e consagrado na legislação de praticamente todos os países e, particularmente, pela Convenção dos Direitos da Infância das Nações Unidas. (...) Negar o acesso a esse direito é negar o acesso aos direitos humanos fundamentais. É um direito de cidadania, sempre proclamado como prioridade, mas nem sempre cumprido e garantido na prática (GADOTTI, 2005, p. 1).

Fui inserida nesse contexto de uma escola formadora e cidadã quando criança, ao frequentar a Escola Municipal Minas Gerais, situada na Zona Sul do Rio de Janeiro e encontrei pelo meu caminho professores que sempre buscavam uma maneira de incorporar, no cotidiano escolar, outras possibilidades e metodologias de ensino no processo de aprendizagem. Nessa escola fiz todo o meu Ensino Fundamental, saindo de lá somente para a continuidade dos estudos no Ensino Médio.

Diante da diversidade do público que frequenta o espaço escolar, um dos grandes desafios que se apresenta, ao trabalho docente, é possibilitar diferentes vivências na formação de seus alunos.

¹ Segundo o artigo 205 da Constituição Federal de 1988: " A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Também segundo a LDB, Lei nº 12.796, de 2013, a educação básica é obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade.

O acesso à nossa cidade e a locais específicos de formação cultural ainda encontra inúmeras barreiras que se desdobram também no espaço escolar. Sendo assim, Gadotti (2005) fala da importância das novas práticas, como o reconhecimento da cidade onde se vive, além de uma formação cidadã.

O grande desafio da escola numa cidade educativa é traduzir esses princípios em experiências práticas inovadoras, em projetos para a capacitação cidadã da população, para que ela possa tomar em suas mãos os destinos de sua cidade. Diante dos novos espaços de formação criados pela sociedade da informação, ela os integra e articula (GADOTTI, 2005, p. 4).

Tal realidade já se fazia presente em meus anos de formação escolar básica e hoje percebo que meus professores buscaram superar as dificuldades impostas ao seu trabalho e nos levaram a outras experiências educativas fora dos muros da escola. Nem sempre era fácil ou acessível para professores e alunos da rede pública explorarem tais espaços, devido a problemas, que ainda são atuais para o magistério e que ainda atingem, sobretudo, os estudantes das escolas públicas, como a falta de acesso a bens culturais devido à falta de investimentos adequados ou mesmo à ausência de uma tradição entre parte da população brasileira em acessar determinados equipamentos culturais, parecendo, por vezes, que o acesso a esses equipamentos não tem tanta importância para a formação da maioria de nossa população.

Devido à dificuldade de articulação entre cultura e educação, ainda lidamos, por vezes, com um certo distanciamento entre ambos. Alguns desses espaços ainda são reservados a um grupo minoritário de nossa sociedade por serem mais empoderados em detrimento de outros. Isso faz com que o acesso a eles sejam encarecidos, impactando diretamente no seu público-alvo.

Nos “tempos da Minas Gerais”, tive contato com uma professora amante de cinema e também de espaços extraescolares. Sempre que conseguia conciliar o plano de aula e a possibilidade de tais atividades, ela não deixava de nos levar para vários lugares desconhecidos, encantadores e que instigavam a necessidade de buscar mais conhecimento. Esta foi minha primeira experiência de aprendizagem com espaços não formais de ensino. Uma das atividades que mais tenho guardada na memória é a lembrança das visitas ao cinema com o Projeto Escola

no Cinema, que escolhi como objeto de estudo para esta pesquisa. Esse projeto foi de determinante relevância para o acesso de alunos da rede pública a cinemas para assistir clássicos e também os filmes que ainda estavam no circuito para o grande público.

O Projeto Escola no Cinema², particularmente, foi fundamental para meu processo de formação cultural. Nessa época descobri meu amor pela Sétima Arte me aproximando do cinema e buscando a incorporação desse local em meu cotidiano, algo que para muitas outras crianças daquela escola seria difícil de incluir na rotina. Minha família não tinha o hábito de frequentar espaços culturais como cinema, museus e teatros, devido às limitações financeiras impostas e por não reservar em sua rotina tempo para tais atividades. Meus pais sempre tiveram a vida preenchida pela rotina de trabalho. Minha mãe, uma mulher forte e guerreira, trabalhou boa parte da minha infância em dois empregos e quando podia me levava ao cinema. Não digo que era algo corriqueiro em minha vida, assim como na de outras crianças com as quais convivi em minha infância, mas se tornou suficiente para fomentar essa paixão em minha vida.

A admiração e o encantamento pelo ofício de professor e o ensino, me levaram a seguir a carreira docente. Orgulho-me em ter cursado a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde ingressei no ano de 2005 para cursar História, devido ao papel que desenvolve no meio, especialmente, nos tempos contemporâneos tão incertos e obscuros. As questões sociais, políticas e culturais presentes dentro das salas de aula e nos corredores tão latentes e vivos dentro da UERJ, levaram-me a uma nova formação como pessoa que já não tinha qualquer semelhança com a jovem Ana vestibulanda. Terminado o processo de Educação Básica e Superior em escolas e Universidade públicas, posso dizer que minha formação como pessoa, profissional e cidadã é marcada pelas inúmeras dificuldades de acesso a bens culturais específicos, bem como a maioria da população presente em nossa sociedade.

2 <https://www.escolanocinema.com.br/>

Ainda sobre minha trajetória na graduação, estagiei no Museu Nacional³ no Departamento de Antropologia auxiliando em pesquisa sobre memória camponesa. O desenvolvimento do trabalho e a proximidade com as exposições do Museu, sempre com grandes grupos de estudantes para visitar as exposições, permitiu-me acompanhar o entusiasmo de tantas crianças e adolescentes ao entrar em contato com outras formas de aprendizagem num espaço não formal de educação. Com minha participação indireta na organização das visitas das escolas ao Museu, pude perceber, a partir de outro prisma do processo de ensino e aprendizagem, a potência do diálogo entre o campo formal e não formal de educação. Então, compreendi que há uma real necessidade de se facilitar e aproximar esses dois campos.

Vivendo diariamente no Museu Nacional e respirando a história presente em cada canto, pude ver o quanto essa experiência foi enriquecedora para mim como graduanda. Por isso, é inevitável não pensar na experiência e vivência de alunos nos espaços educativos não formais, estes que muitas vezes não recebem o devido reconhecimento.

Em uma cidade como o Rio de Janeiro tão rica em história, memórias e potencialidades de vivências culturais e sociais diversas, não pensar em aprendizagens fora da escola é tolher o real desenvolvimento cidadão de uma criança e/ ou adolescente. Vivenciar esses espaços e essas experiências ocupa papel fundamental no empoderamento não só de alunos, mas da comunidade local, que por vezes, não frequenta tais lugares.

Após ter trabalhado no Museu Nacional, desenvolvi uma pesquisa junto ao LPPE (Laboratório de Pesquisas e Práticas de Ensino) do Departamento de História da UERJ, onde tive contato com a produção de material didático, mas numa perspectiva que também saía do modelo tradicional de ensino. Criamos uma mídia interativa onde alunos poderiam acessar livremente o conteúdo. Esse estágio me fez refletir sobre a importância de se pensar/elaborar materiais didáticos de

3 O Museu Nacional do Rio de Janeiro foi acometido por um terrível incêndio em 2 de setembro de 2018, onde grande parte de seu acervo foi destruído. Dentre os mais de 20 mil itens perdidos, múmias, fósseis, peças indígenas e obras raras.

conteúdos variados, com diferentes fontes e perspectivas para contribuir na formação do pensamento crítico.

Quando terminei minha graduação, saí com muitos questionamentos acerca do caminho que escolhi. As discussões sobre as dificuldades encontradas na escola e na carreira docente me deixavam em dúvida quanto ao campo. Isso acarretou o meu afastamento da Academia e a busca por novos horizontes.

Após esse período, atuei como gerente do Espaço Itaú de Cinemas, que foi uma experiência enriquecedora, onde aprendi sobre o funcionamento e estrutura de um cinema (desde o milho comprado para fazer pipoca até o filme passando na tela). Fui gerente, amiga e “psicóloga” dos funcionários e tive o prazer de “tocar o cinema” todos os dias. Isto me lembrava do ofício de professora devido à troca diária com tantas pessoas e com suas ricas histórias de vida. A vivência com o diverso me proporcionou outros aprendizados e novas inquietações.

Para todo amante de cinema, sempre existe a inicial curiosidade e a vontade de conhecer a sala onde essa mágica acontece. Nunca irei me esquecer, quando estive pela primeira vez dentro da sala de projeção no Espaço Itaú de Cinemas em 2014, da emoção de ver tudo acontecendo com sons, luzes, cores e observar a película percorrendo todo o projetor e a imagem na tela de uma sala lotada com cheiro de pipoca. Quando assumi o cinema, ainda estavam lá projetores que exibiam filmes em 35mm, que posteriormente foram trocados por projetores mais modernos, os digitais. Confesso que, como historiadora, minha vontade era de fazer um museu com os projetores que seriam descartados e até mesmo fazer exposições de películas, pois ainda estavam funcionando.

No Espaço Itaú, onde trabalhei por dois anos, descobri que este abriga dois Projetos muito interessantes: o Clube do Professor, onde se realiza uma sessão exclusiva e gratuita todo sábado de manhã para professores e, para minha surpresa, o Projeto Escola no Cinema (que começou em 1985 e perdura até os dias de hoje), o mesmo que lá atrás me aproximou da grande tela e toda sua magia.

O cinema (espaço físico) não era mais o mesmo que o da minha época de criança, mas as memórias de infância atreladas ao projeto retornaram quase que imediatamente ao descobrir que no meu novo espaço de trabalho estava o projeto que me fez me apaixonar pelo cinema. Como gerente pude acompanhar, em ou-

tra perspectiva, o andamento do Projeto e o quanto é encantador ver alunos de diversas idades se apaixonando pelo cinema, da mesma forma que me apaixonei na época da minha amada Escola Minas Gerais.

O Projeto Escola no Cinema mais uma vez estava em minha vida, agora não mais como aluna, mas como uma docente formada, como uma educadora. Esse reencontro foi o primeiro sinal do desenho de meu futuro projeto de pesquisa para o mestrado visto que os diversos questionamentos acerca da utilização dos espaços não formais, e particularmente o uso do cinema em parceria com a sala de aula reacenderam minhas reflexões.

Após anos longe da Academia, busquei retomar os estudos e percebi que meu interesse enquanto no projeto como objeto de estudo seria construído dentro do campo da Educação Básica. Entrei para o Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica do Instituto Aplicação da UERJ – PPGEB/CAP-UERJ, onde estou tendo a possibilidade de repensar a prática docente e a utilização de espaços não formais de ensino em parceria com a escola.

Unindo minha vivência e meu novo caminho, busquei outros espaços de educação que se mostraram tão importantes e estimulantes em minha trajetória. Assim, juntamente com o mestrado fiz o curso de formação de professores, “o antigo curso Normal”, pelo período de um ano, visando desenvolver um trabalho com a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, que tanto me encantaram e despertaram em mim, depois de tanto tempo, a sede de exercer o ofício de professora.

Nesse sentido, é possível perceber que o Projeto Escola no Cinema, aparece em três momentos da minha vida: como aluna, onde pude me aproximar do cinema e adquirir como hábito em minha vida frequentar esses espaços culturais; posteriormente, como funcionária do cinema, sendo responsável pela operação diária e colaborando com o Projeto; e, atualmente, como professora/pesquisadora, onde posso levar meus alunos e investigar esse espaço cultural.

A partir dessa experiência, o projeto Escola no Cinema possibilita analisar de que maneira o cinema, na qualidade de espaço não formal de educação, pode contribuir com a escola. Para isso, o que busco nesta pesquisa é poder reconhecer como o cinema pode, em parceria com a escola, auxiliar na construção de sa-

beres e na formação de leitores e consumidores críticos de mundo. Considero, também, necessário repensar de que maneira se constroem e ocorrem as intenções pedagógicas de espaços não formais de educação, em específico o cinema, tendo como base o Projeto Escola no Cinema. Tais experiências, da mesma maneira que deixaram marcas em minha trajetória como estudante de uma escola municipal, apresentam-se como fundamentais para o desenvolvimento da identidade dos alunos e docentes que dele fazem parte a partir de mudanças em suas formações identitárias culturais individuais e coletivas.

Essa pesquisa da dissertação de mestrado tem por objetivo identificar e analisar possíveis impactos do Projeto Escola no Cinema no processo educativo das turmas que dele participam. Sendo os objetivos específicos identificar as possibilidades de relações entre o campo formal da educação e o cinema, sendo este um espaço educativo não formal; analisar as práticas pedagógicas que o cinema oferece para a educação formal, ou seja, a escola; identificar os processos de ensino e aprendizagens que ocorreram a partir do projeto Escola no Cinema no Rio de Janeiro.

Para isso, esta dissertação estará dividida em capítulo 1 “Em Ação – Espaços educativos não formais e possíveis contribuições para a prática educativa”, no qual serão abordados os espaços não formais, cinema e escola, e como o cinema começou a ser visto como um espaço educativo. No capítulo 2 “Flash Back – O Projeto Escola no Cinema”, além da entrevista com a criadora do Projeto Escola no Cinema, também educadora Patrícia Durães, apresentarei a história do projeto e o que motivou a criação do mesmo. Em “Script – Roteiro da caminhada”, capítulo 3, estão as escolhas metodológicas para desenvolver a pesquisa. Contudo, para a análise de resultados, o capítulo 4 “Decupagem – Cenas e leituras do percurso” apresenta o processo da pesquisa. E para concluir, em “Sinopse” estão as considerações finais sobre o trabalho desenvolvido.

Como proposta metodológica, adotei o Estudo de Caso por estar muito próxima ao objeto, e para realizar o levantamento das informações necessárias à pesquisa, utilizei entrevistas semiestruturadas, possibilitando ao entrevistado maior liberdade para responder. A Análise de Conteúdo foi o aporte teórico e técnico que julguei se encaixar melhor para a posterior análise das entrevistas.

Entretanto, ao longo de minha pesquisa pude observar em relação ao depoimento do entrevistado, impactos imediatos que não podem ser mensurados no comportamento ou processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Porém, algo que sempre aparece na fala do professor é que tais atividades são de extrema importância para esse indivíduo se reconhecer enquanto cidadão.

1 EM AÇÃO – ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO-FORMAIS E POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA EDUCATIVA

Quando falamos em Educação, a primeira imagem a qual nos remetemos em geral é a de crianças em uma escola, com seus uniformes, enfileiradas, um professor à frente da turma detentor de todo o conhecimento e um quadro na parede atrás dele. Esta é uma imagem canônica bastante antiga e comum em nossas memórias.

Alguns dos cenários dos espaços educativos e, como parte desses, as escolas, passaram por mudanças que se originaram de discussões que se ocuparam de repensar o ensino, suas formas e práticas, mas ainda há muito a ser feito. Para isso, consideramos importantes as contribuições filosóficas sobre a educação e, também, as contribuições das pesquisas em educação que tenham a escola e os espaços educativos como *lócus* de investigação, embora tais contribuições ainda não tenham sido suficientes para influenciar as práticas escolares da educação básica.

A imagem descrita anteriormente é basicamente de uma escola nos formatos tradicionais de ensino. A intenção com essa representação não é sobre a efetividade dos métodos que são utilizados em sala de aula, nas práticas pedagógicas, mas sobre a educação como a vemos hoje em dia, diante das possibilidades de tornar o dia a dia em sala de aula mais instigante, mesmo com a crise enfrentada pela educação na realidade brasileira. Teremos um longo caminho a avançar, como dito anteriormente, com debates e pesquisa sobre os espaços educativos.

Tendo em vista as questões em relação à educação, entendo que há maneiras de aproximar os alunos da escola, as quais, no entanto, estão sendo negligenciadas pelas políticas educacionais. Para que a escola seja mais atrativa e significativa para os estudantes, é preciso que os conteúdos programáticos sejam trabalhados de forma mais interessante e palpável, estando ao alcance e fazendo sentido na vida desses estudantes. Exemplo disso é a utilização do cinema como parceiro da escola, um espaço educativo não formal, onde diversos saberes podem ser desenvolvidos, além do reconhecimento da cidade onde o aluno pode vi-

ver essa experiência como um todo mais amplamente, ao sair da instituição onde estuda para participar das atividades em diferentes lugares.

Antes de dar continuidade a este capítulo, consideramos importante destacar que iniciamos tratando da imagem da escola como espaço educativo por ser ela o mais tradicional na sociedade atual. Contudo, não é o único. E sabemos que muito se aprende e se ensina em outros espaços educativos, sejam eles formais ou não formais.

Para efeito dessa dissertação que se dedica a refletir sobre a relação que pode se estabelecer entre a escola e o cinema, enfatizaremos a partir de agora o diálogo com os espaços educativos não formais e as possibilidades e potencialidades de se aprender e de se ensinar nesses espaços. Como nos ressalta Freire (2018), a compreensão da incompletude humana e do nosso processo de aprendizagem, onde ciente desta característica de estar num eterno vir a aprender, nos faz buscar o crescimento e assim ser sujeito de nossa educação.

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por sujeito que é o homem. O homem deve ser sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto del. Por isso, ninguém educa ninguém (FREIRE 2018, p. 34).

Gohn (2006), ao tratar da educação, afirma que o processo educativo pode acontecer, tanto em espaços formais, como em espaços informais e, ainda, em espaços não formais. Todavia, cada um desses espaços educativos apresenta características específicas como podemos observar:

A educação formal requer tempo, local específico, pessoal especializado, organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização sequencial das atividades, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc. Ela tem caráter metódico e usualmente, divide-se por idade/classe de conhecimento. A educação informal não é organizada, os conhecimentos não são sistematizados e são repassados a partir das práticas e experiência anteriores, usualmente é o passado orientando o presente. Ela atua no campo das emoções e sentimentos. É um processo permanente e não organizado. A educação não-formal tem outros atributos: ela não é organizada por séries/idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da auto-estima e do *empowerment* do grupo, criando o que alguns analistas denominam, o capital social de um grupo. Fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de

interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo (GOHN, 2006, p. 30).

Gohn também nos fala de cultura política, ou seja, sobre a utilização de espaços que vão além dos muros da escola, o que pode ser uma boa alternativa, aproveitando o que está próximo das pessoas, de suas casas, trabalhos e escolas, promovendo uma rica troca, com o reconhecimento e ocupação destes lugares onde vivem. Gadotti ao apresentar a cidade educadora, a considera como parte fundamental da formação do indivíduo e de sua cidadania, tendo a escola como principal parceira, defende a ocupação dos espaços da cidade como um todo, levando em consideração toda a história presente.

Na cidade que educa, todos os seus habitantes usufruem das mesmas oportunidades de formação, desenvolvimento pessoal e de entretenimento que ela oferece. O Manifesto das Cidades Educadoras aprovado em Barcelona, em 1994, afirma que “a satisfação das necessidades das crianças e dos jovens, no âmbito das competências do município, pressupõe uma oferta de espaços, equipamentos e serviços adequados ao desenvolvimento social, moral e cultural, a serem partilhados com outras gerações. O município no processo de tomada de decisões, deverá levar em conta o impacto das mesmas (GADOTTI 2006, p. 134).

Além dos grandes monumentos, da história hegemônica e não hegemônica que encontramos nas ruas e também museus, o Brasil tem vasta cultura popular que ainda resiste e que pode ser fundamental dentro de sala de aula. São possibilidades em que os indivíduos possam ser protagonistas nesse processo de (re)conhecimento de sua cidade. Gadotti (2005) nos fala da importância da autonomia que todo indivíduo deveria ter em seu processo de aprendizagem, sobre as experiências de vida e seu papel fundamental.

Gostaria também de demonstrar que o conceito de educação sustentado pela Convenção dos direitos da Infância ultrapassa os limites do ensino escolar formal e engloba as experiências de vida, e os processos de aprendizagem não-formais, que desenvolvem a autonomia da criança. Como diz Paulo Freire se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (FREIRE, 1997, p. 50 apud GADOTTI, 2005, p. 2).

A partir da caracterização dos processos educativos que apresentamos anteriormente, ressaltamos que a educação não formal pode ser mais um aliado para a ampliação do processo de aprendizagem tanto de alunos quanto de professores, uma vez que estes, ao levarem suas turmas para tais espaços, promovem o contato dos estudantes com conhecimentos outros. Diante disso, é importante considerar a relevância de se ocupar lugares como museus, centros culturais, cinemas e teatros, onde os saberes podem ser trabalhados de maneira plural.

É importante também o reconhecimento dos espaços em que estão inseridos professores e alunos, lugares onde vivem, trabalham e estudam, quer na escola ou fora dela. Todos eles podem trazer o sentimento de pertencimento, por meio do qual o indivíduo pode ser atuante e conhecedor do seu espaço de convívio, desenvolvendo também sua autoestima e o empoderamento individual e de um grupo.

Como nos diz Gadotti em relação aos espaços múltiplos e flexíveis:

Toda educação é de certa forma educação formal, no sentido de ser intencional, mas o cenário pode ser diferente: o espaço da escola é marcado pela formalidade, pela regularidade, pela sequencialidade. O espaço da cidade (apenas para definir um cenário da educação não formal) é marcado pela descontinuidade, pela eventualidade, pela informalidade. A educação não formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal. Daí também alguns a chamarem impropriamente de “educação informal”. São múltiplos os espaços da educação não formal. Além das próprias escolas (onde pode ser oferecida educação não formal) temos as Organizações Não Governamentais (também definidas em oposição ao governamental), as igrejas, os sindicatos, os partidos, a mídia, as associações de bairro, etc. Na educação não formal, a categoria espaço é tão importante quanto a categoria tempo. O tempo da aprendizagem da educação não formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços (GADOTTI, 2005, p. 2).

Quando falamos em educação formal, nos referimos aos espaços dentro da escola, com conteúdos bem definidos e previamente sistematizados. Não que isso seja um problema, mas a questão central que considero na abordagem desta pesquisa é a utilização de espaços não formais como parceiros da escola, ou seja, os que vão além dos muros das instituições escolares. Ao considerar os espaços de educação não formal, destaco aqueles onde a vivência de novas experiências se constitui como o ponto principal para a abordagem que será feita pelo pro-

fessor em relação a determinado tema e o que permanece na história individual de cada indivíduo.

Gostaria de destacar alguns pontos em relação à educação não formal, que muitas vezes é confundida com educação informal, visto que, nesta última, não há uma intencionalidade pedagógica. Essa ausência de intencionalidade pedagógica proporciona que a troca e o conhecimento aconteçam de maneira mais espontânea e natural. Diante do exposto, ressalto que nesta pesquisa me refiro à educação não formal, que está além dos muros da escola, mas tem uma intencionalidade pedagógica e, muitas vezes, atua como parceira da instituição escolar.

Em relação ao termo educação informal, por sua vez, Gohn (2001, p. 100) destaca que este termo

não abrange as possibilidades da educação não-formal que estamos aqui destacando, ou seja, as ações e práticas coletivas organizadas em movimentos, organizações e associações sociais. Alguns autores teimam em denominar o aprendizado de conteúdos não-escolares, em espaços associativos, movimentos sociais, ONGs etc. como sendo educação informal. Acharmos que essa terminologia e classificação é incorreta, pois trabalha-se com um paradigma bipolar onde existe apenas dois tipos de aprendizagem: o escolar e o não-escolar. Tudo o que ocorre fora dos muros da escola é pensado como aprendizagem não-escolar e perde seu caráter de educação propriamente dita.

Para Gohn, devemos ter as definições dos termos muito bem estruturados e de maneira clara, pois isso é fundamental para a compreensão do trabalho a ser desenvolvido. De acordo com a busca por essa compreensão, destacamos, em diálogo com a autora, que a educação formal é aquela que conhecemos dentro dos muros da escola, já a educação informal se dá pelo meio social, com a família, religião, bairro onde se mora, ou seja, onde a cultura é transmitida fora da escola, como podemos observar:

Na educação formal estes espaços são os territórios das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais. Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, em locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação). Já a educação informal tem seus espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc. A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que se frequenta, a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu, etc (GOHN, 2006, p. 29).

Devemos sempre lembrar, que a educação não formal, não se distancia da educação formal. Sendo assim, uma se constitui como parceira da outra, de forma que uma possa trazer contribuições significativas para a outra, com a possibilidade de uma formação cidadã.

A educação não formal, se não nos atentarmos, pode ser tão classista e elitista como a que acontece dentro das instituições de ensino. A grande questão é como tornar tais espaços acessíveis ao maior número de alunos, mesmo com tantas dificuldades, sejam financeiras, de segurança etc. Segundo Gadotti (2005), a cidadania é uma questão de grande relevância e fundamental no processo de formação do indivíduo consciente e socialmente participativo.

As diferenças exigem uma nova escola. O grande desafio da escola numa cidade educativa é traduzir esses princípios para a captação cidadã da população, para que ela possa tomar em suas mãos os destinos da sua cidade. Diante dos novos espaços de formação criados pela sociedade da informação, ela os integra e articula (GADOTTI, 2005, p. 8).

Em relação à utilização de espaços não formais de ensino, chamo a atenção para a utilização de espaços culturais, como o cinema. Uma tecnologia que já tem mais de cem anos desde sua criação, é forte e presente, pelo menos nos grandes centros, em contrapartida não acredito que todos tenham acesso como gostariam a tais espaços. Com isso, destaco a importância de projetos que consigam utilizar as salas de cinema como extensão da sala de aula.

Ao longo do texto apresento alguns gráficos e esses extraídos do Anuário Estatístico da ANCINE do ano de 2017. O gráfico a seguir nos mostra a quantidade de salas de exibição por estado. O que chama a atenção são os dados que indicam que mais de 50% das salas de cinema do país estão concentradas em apenas três estados, sendo: São Paulo com 32,01%, Rio de Janeiro com 11,0% e Minas Gerais com 8,0%. Mesmo dentre os locais com mais salas de cinema, observamos que o Projeto Escola no Cinema no Rio de Janeiro não tem tanto aproveitamento pelas escolas.

Quantidade de salas de exibição por Estado (2017)

UF	TOTAL DE SALAS	% SALAS
SP	1033	32,01%
RJ	354	11,0%
MG	257	8,0%
PR	192	6,0%
RS	176	5,5%
SC	133	4,1%
GO	117	3,6%
BA	106	3,3%
CE	100	3,1%
PE	96	3,0%
DF	88	2,7%
ES	74	2,3%
AM	71	2,2%
PA	66	2,0%
MA	62	1,9%
MT	46	1,4%
PB	38	1,2%
RN	31	1,0%
AL	29	0,9%
MS	28	0,9%
PI	26	0,8%
SE	25	0,8%
RO	18	0,6%
TO	18	0,6%
AP	17	0,5%
RR	15	0,5%
AC	7	0,2%
TOTAL	3.223	100,00%

Fonte: Anuário Estatístico ANCINE, 2017

Os dados apresentados pela ANCINE no ano de 2017 são impactantes, possibilitando ao leitor ter uma ideia da concentração de cinemas como espaços culturais e do acesso à cultura em nosso país. Cabe ressaltar que metade das salas de cinema de um país com dimensões continentais como o Brasil encontra-se concentrada na Região Sudeste do país, compreendida pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.

Ainda tomando por base a ocupação de tais espaços culturais, como o cinema, gostaria de chamar a atenção para o que é além do acesso à escola, onde o aluno pode ter o contato com outras formas de conhecimento, como museus,

cinemas, parques dentre outros equipamentos culturais que estejam disponíveis na escola. Espaços educativos esses tão importantes para troca de conhecimentos, mas que tendem a ficar restritos a pessoas com um melhor poder aquisitivo, sendo essa outra forma de se delimitar espaços e, em certa medida, de impedir a existência de integração com a própria cidade onde vivem, havendo assim, um “apartheid” social e geográfico.

Arroyo (2014) destaca a importância do acesso a lugares comumente destacados como criadores de conhecimento e cultura, e, por outro lado, o distanciamento de grande parcela da população como uma herança histórica das pessoas destituídas de terras, que atualmente se reflete nas pessoas sem território.⁴

A ocupação social do espaço urbano e do espaço brasileiro reflete a distribuição segregadora das classes e das raças até em tempos de democracia e de desenvolvimento. Ao longo de nossa história tanto os desenraizamentos quanto as lutas por lugares tiveram e continuam tendo uma conotação étnico-racial. Os padrões mais determinados de lugar, assim como os padrões de poder, de propriedade, de trabalho, de justiça e até conhecimento de cultura sempre estiveram transpassados por padrões étnico-racializados. Por serem indígenas, negros, mestiços não tiveram direito a terra, territórios. Nem direito à humanidade. Nem à cidadania republicana (ARROYO, 2014, p. 206).

Tais espaços, os quais devem ser ocupados, são extremamente importantes para o desenvolvimento e a ampliação cultural de todas as pessoas, de forma à potencializá-las como sujeito ativo e autor do seu processo de aprendizagem, de forma participativa e não apenas como um espectador.

Sobre ser sujeito no seu processo de aprendizagem, Napolitano (2018) salienta a importância do acesso ao cinema, que pode ser de maneira informal e também fazendo paralelos com os conteúdos trabalhados na escola, aproximando o aluno da arte e outras fontes de produzir conhecimento.

Trabalhar com cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no

⁴Desta maneira, com a produção humana há a produção do espaço. O trabalho manual foi sendo relegado a segundo plano, e a maquinaria foi sendo cada vez mais usada até se chegar à automação. A produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos, naturais e artificiais. Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas.

(SANTOS 1988, p. 22)

qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (NAPOLITANO, 2018, p. 11).

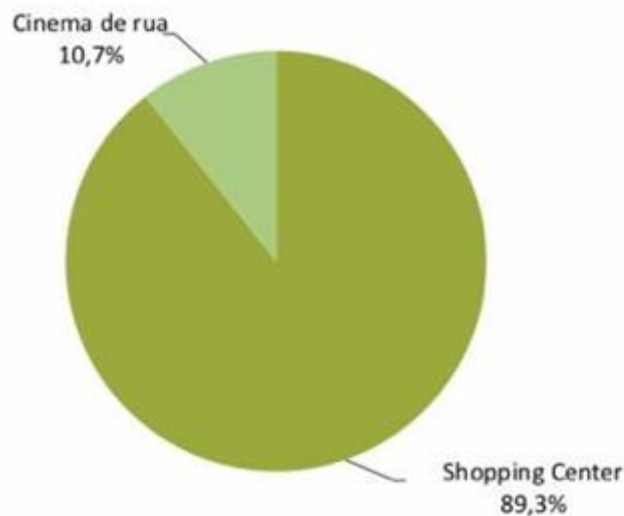
Destacamos a importância da valorização da cultura e do acesso a diferentes instrumentos culturais como ressaltou Napolitano.

Para Arroyo (2013), por sua vez, destaca-se a questão de lugares outros, onde a ocupação de tais espaços, seja de cultura ou de produção de saber, devem acontecer e a escola pode ser parceira nesse processo, encontrando caminhos pedagógicos para construir essa aproximação com a cultura. Nesse movimento de aproximação é importante considerar a valorização dos povos tradicionais e também dos saberes populares tão relevantes para os processos de construção de conhecimentos dentro e fora do ambiente escolar. Concordamos com Arroyo ao destacar a luta de

Indígenas, negros, mestiços, trabalhadores dos campos, das florestas e das cidades foram decretados à margem das instituições, da história intelectual e cultural. Nas suas lutas entra com centralidade a defesa da escola indígena, quilombola, do campo, da vila ou favela ou a defesa de cotas de acesso à universidade e políticas de permanência. Direito aos lugares da produção do conhecimento como garantia de seu direito ao conhecimento às ciências e tecnologias, à cultura (ARROYO 2014, p. 213)

Dialogando sobre os acessos da população aos equipamentos culturais e, no caso desta pesquisa, ao cinema, apresentamos por meio do gráfico a seguir, a localização dos cinemas, que em sua maioria estão em shoppings e não mais nas ruas como em tempos de um passado recente. Sobre esse aspecto, cabe destacar que isto por sua vez, já é um fator que muitas vezes acaba distanciando ainda mais o público das salas de cinema, pois shopping, por sua característica não é um espaço acessível a todos os grupos, apesar de ser um espaço aberto a todos. Ter um espaço cultural como o cinema dentro de um shopping não é necessariamente um problema, mas ter a cultura ligada ao consumo acaba por distanciar ainda mais o grande público. Ainda sobre a localização dos cinemas, quando estão nas ruas, instigam a curiosidade de quem passa a sua porta com seus cartazes, luzes e cheiro de pipoca. Convidando ao menos um olhar curioso sobre o que acontece lá dentro, aproximando do dia a dia das pessoas que por ali passam.

Percentual de salas de exibição por local de funcionamento (2017)



Fonte: Anuário Estatístico ANCINE 2017

O professor pode aproximar o aluno desses espaços, fazendo que descubra saberes outros, novas experiências e abordagens, ampliando seu conhecimento de mundo e fazendo que ele descubra sua autonomia no próprio processo de formação. Autonomia que poderá ser construída com o viver e ocupar lugares de cultura, sem necessariamente ter um mediador em todo o momento em que está vivenciando a experiência.

Que tipo de experiências seria promovido numa pedagogia emancipadora? Uma escola pensada como transmissora de saberes simplificados, explicados, “mastigados”, perderia todo sentido nesse formato. Ela precisa urgentemente se repensar e inventar novos modos de colocar os aprendentes em contato com o mundo, para provocar os movimentos de apropriação, desvendamento e criação. Poderíamos pensar como uma das principais funções dos ensinantes/aprendentes essa capacidade de escolha (e conhecimento dessas possibilidades), para colocá-las em relação com novas gerações, que acabarão fazendo seus próprios recortes por interesse, afeto ou necessidade, no seu desejo de descobrir e inventar o mundo (FRESQUET 2017, p. 22).

Também o cinema pode despertar a curiosidade do aluno em filmes acerca do conteúdo a ser abordado em sala de aula, para que não fiquemos apenas apegados aos livros e sim, possamos fazer ligações entre diversas fontes e poder questioná-las. Para além de uma maior integração com o conteúdo apresentado em sala de aula, a aproximação com o cinema permite que o aluno passe a ser inserido a um universo cultural que, muitas vezes pode não ter tido a oportunidade de um maior contato com o cinema e a vivência em tais espaços. O professor

como mediador, como nos diz Napolitano, desempenha papel fundamental na provocação com a apresentação de textos e sua busca de paralelos entre o conteúdo a ser desenvolvido em sala de aula e o que está sendo exposto na tela do cinema.

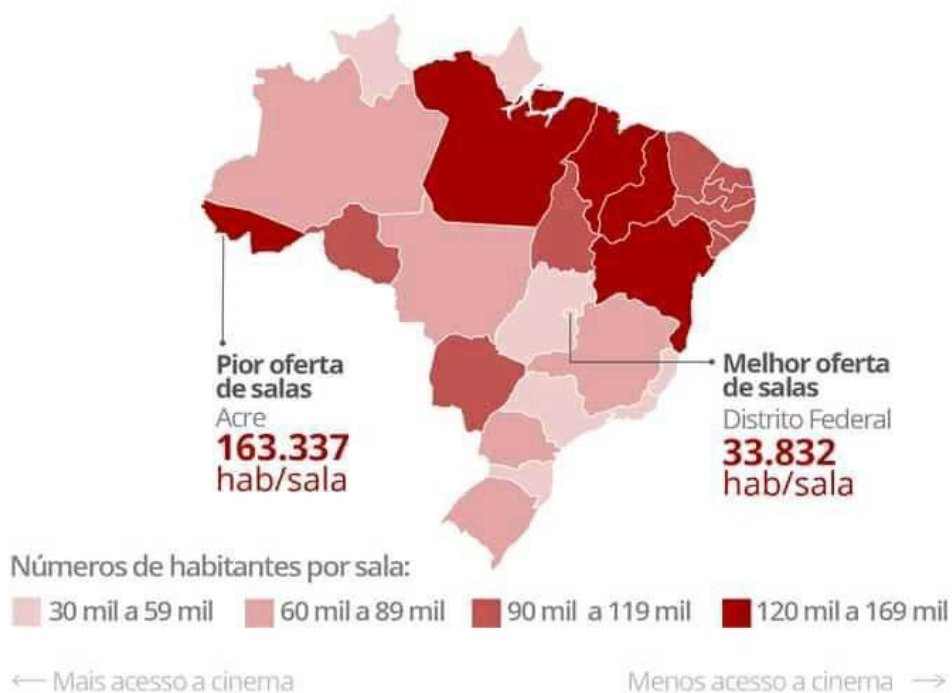
É preciso que a atividade escolar com o cinema vá além da experiência cotidiana, porém sem negá-la. A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre a emoção e a razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo escolar (NAPOLITANO, 2018, p. 15).

Sendo assim, acredito numa educação libertadora, onde o aluno desenvolva consciência da dimensão e contexto no qual está inserido, que consiga analisar criticamente o contexto em que vive, se entender e atuar no mundo. Para desenvolver atividades fora de sala de aula, nem sempre precisamos buscar espaços distantes das escolas, podemos buscar qualquer “lugar” de cultura que se torne educativo, como rodas de samba, jongo, ciranda etc. Tais lugares de cultura e resistência (ou não) - que guardam histórias e memórias- podem ser próximos e de fácil acesso por estar perto da escola, casa ou no caminho que os alunos percorrem.

Tendo em vista a temática e o debate acerca do acesso às salas de cinema, este ano (2019), o tema de redação do Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM, foi sobre a "Democratização do acesso ao cinema no Brasil". Onde muitas questões sobre o acesso ficaram evidentes, como a falta de salas de cinema em diversas regiões do país, causando um estranhamento e até mesmo falta de condições de dissertar sobre o tema no principal exame de acesso às Universidades. A tabela a seguir, extraída do site G1, permite observar o acesso às salas de cinema.

Habitantes por sala de cinema

Distribuição por estado

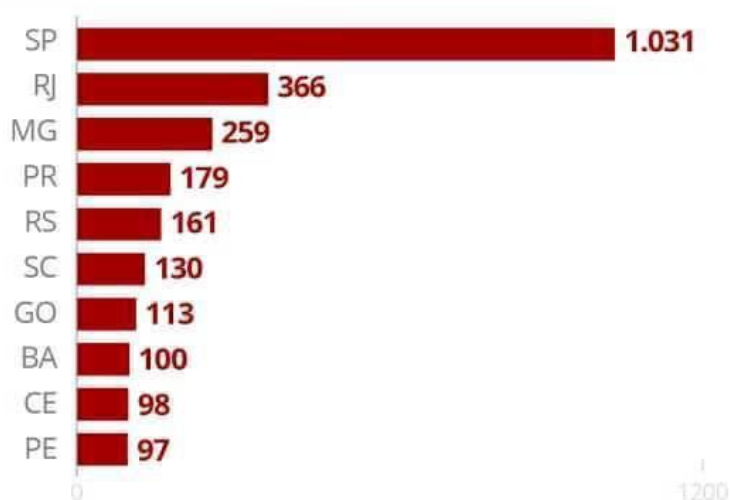


A MÉDIA NACIONAL É DE

65.169 HABITANTES POR SALA DE CINEMA

10 estados com mais salas de cinema

(em números absolutos)



Fonte: Ancine e IBGE



Infográfico elaborado em: 01/11/2017

1.1 Cinema e escola

A utilização de espaços não formais e, principalmente, o uso do cinema como parceiro nos processos de aprendizagem, sempre gera muitos questionamentos acerca da forma como a experiência será utilizada pelo professor e pela instituição de ensino. Esbarramos em algumas questões e problemas que geralmente estão ligados às condições de acesso e transporte que levem os alunos a tais espaços.

Ainda sobre problemas ligados à utilização do cinema em paralelo à sala de aula, destacamos a necessidade de preparação do professor para o desenvolvimento dessa atividade e a abordagem do conteúdo fílmico relacionando aos objetivos presentes no plano de curso ou no plano de atividades a ser desenvolvido pelo professor junto a seus estudantes.

Segundo Nascimento (2008) há, muitas vezes, uma insegurança em utilizar o cinema como recurso para o processo de ensino aprendizagem. Essa insegurança se manifesta ou pela estrutura escolar, ou pela formação dos professores. Levanto a questão do acesso aos cinemas, começando pela possibilidade de saída da escola, transporte em segurança e também parcerias que flexibilizem o valor dos ingressos para atender um maior número possível de alunos, como nos mostra o trecho a seguir:

Há uma distância considerável entre a prática da exibição cinematográfica e a realidade escolar brasileira. Escolas e professores, de modo geral, não estão suficientemente preparados para lidar com esse tipo de linguagem. Por parte do professor, por exemplo, predomina com muito vigor o ensino tradicional, baseado fundamentalmente nas aulas expositivas e no livro didático como referencial para informar e não para discutir e construir o conhecimento histórico (NASCIMENTO, 2008, p. 6).

Em geral os modelos de nossas escolas não vão para muito longe dos padrões tradicionais, mesmo aquelas que tentam escapar disso. Muitas esbarram também em projetos e conteúdos programáticos, que na maioria das vezes engessam a prática do professor e a forma como ele poderia trabalhar com os alunos, frequentemente ficando restritos aos livros didáticos e apostilas. Esses caminhos normalmente percorridos, muitas vezes acaba nos distanciando, como educadores, da cultura como aliada dentro e fora de sala de aula. Como Arroyo

(2013) destaca, a cultura muitas vezes é colocada em um lugar de desprezo, sendo caracterizada como um conhecimento não sério.

A ausência da cultura nos currículos nos leva a uma indagação: por que separar cultura e conhecimento? Todo processo de conhecimento esteve e está associado, instigado em processos culturais. A produção científica, tecnológica é um dos produtos da dita herança cultural. Como trabalhar, socializar o conhecimento acumulado dissociado da histórica articulação entre cultura e conhecimento?

Poderíamos ver nessa separação que os currículos consagram uma exaltação do conhecimento e de seus processos de validação científica, objetiva contra todo desprezo à cultura reduzida às dimensões não sérias, não objetivas, mas relegadas ao campo do imaginário, da subjetividade, das representações coletivas populares. A ausência da cultura no território nobre do conhecimento científico representa uma tentativa de manter ausente as marcas culturais, valorativas que estão presentes em toda produção de conhecimento e ciências (ARROYO, 2013, p. 345).

Outra questão é a forma como será desenvolvido esse trabalho e a abordagem do professor sobre determinado filme. Acredito que a análise da obra deva ser feita de maneira ampla, não apenas se atendo às especificidades e coerências temporais, mas sim, também abordando a estética e possibilitando reflexões e paralelos de aprendizagens que os alunos poderão colocar em prática na vida cotidiana, de certa forma, ser um momento onde os alunos possam se deleitar com a obra, imergir na experiência de viver o cinema.

É importante que os professores e alunos tenham uma consciência de que um filme é uma obra literária e como qualquer outra, diz muito de quem a criou. Esse processo leva em consideração a escolha das fontes utilizadas, bem como a forma e a estética que está sendo posta em cena, considerando-se que a obra possui marcas e características do autor.

Certamente, essa questão será de grande importância em sala de aula, podendo o professor fazer um contraponto em obras cinematográficas, literárias e fontes documentais. Para Nascimento (2008), toda obra deve ser questionada, pois as escolhas de suas fontes e a forma como foi produzida reflete a opinião de quem a produziu, no caso do cinema, a do diretor, como nos remete a fala de Nascimento (2008, p. 12-13):

Em ambos os casos, o cineasta não reproduz objetivamente a realidade; reconstrói-a, de acordo com seus interesses individuais ou dos produtores. Ele produz uma forma de evidência baseada na interpretação histórica e respaldada pela linguagem e pelos efeitos cinematográficos, constrói um

“efeito de realidade” ou “ilusão de realidade”, uma autenticidade que deve ser “desmistificada” como outra fonte qualquer.

Diante disso, é importante ressaltar a necessidade de se pensar no cinema como um instrumento político e cultural para a educação e não apenas para trabalharmos um conteúdo específico. Mesmo um filme comercial, cujo objetivo é atender às grandes massas e bater recordes de bilheteria, quando colocado sob uma perspectiva reflexiva por professores e alunos pode gerar uma análise extremamente rica e engrandecedora para todos.

A proposta a ser pensada é a da valorização do filme enquanto mídia para que se possa evitar a utilitarização ou conteudização da arte ou de objetos culturais em ambiente escolar, um contexto no qual é possível, com a prática diária, promover a cultura. Essa utilitarização / conteudização já acontece com a literatura e a ideia de que a leitura literária, por exemplo, leva à melhoria da leitura, ao aprendizado de conteúdos para provas etc., ficando a fruição do leitor e a sua apreensão em segundo plano. De maneira geral, a literatura em espaços escolares deixa de ser cultura para ser matéria de prova (LEMOS, 2015, p. 12).

Para Lemos, as possibilidades que os filmes trazem podem ser aproveitadas em diferentes disciplinas, não ficando restritas apenas à história, podendo ser aproveitadas em: biologia onde diversos filmes abordam questões como a falta de subsídios necessários à existência humana, por exemplo; em geografia com a infinidade de filmes abordando diferentes lugares e culturas etc. Acredito que para cada disciplina tenha um filme que possa ser utilizado em sala de aula com um aproveitamento diferente do conteúdo, onde o filme não será apenas uma mera demonstração em imagens do conteúdo abordado em sala de aula pelo professor, ou então, ser material apenas para uma posterior avaliação, desconsiderando todo a apreciação artística e a experiência vivida por alunos e professores.

De acordo com Fresquet (2017), o cinema atua como um agente modificador e incentivador, onde a arte provocaria as práticas pedagógicas nas relações de ensino/aprendizagem, com a sua magia e inspiração características que alcançam alunos e professores nesse processo de aprendizagem mútua, no qual o professor também pode ser instigado pelo mundo da imaginação.

Quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alargar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos -, renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. Atra-

vessada desse modo, ela se torna um pouco mais misteriosa, restaura sensações, emoções, e algo da curiosidade de quem aprende e ensina. Com o cinema como parceiro, a educação se inspira, se sacode, provoca as práticas pedagógicas esquecidas da magia que significa aprender, quando o “faz de conta” e a imaginação ocupam lugar privilegiado na produção sensível e intelectual do conhecimento (FRESQUET, 2017, p. 20).

O desenvolvimento do hábito da apreciação artística e da contextualização seguirão na bagagem com o aluno, tão importantes nesse processo do despertar de uma consciência crítica. O papel de cada indivíduo em uma sociedade e a estrutura social em que vivemos são reproduzidas na escola, fazendo parte disso, também, a exclusão do acesso à cultura que não é igual para todos dentro de uma mesma escola. Dessa forma, constatamos e ressaltamos a realidade e as diferenças entre as escolas públicas e particulares nos grandes centros e nas periferias. Como nos diz Nascimento (2008, p. 11):

E a própria escola brasileira pode servir de exemplo. A escola é um bom instrumento para mensurar a inserção da linguagem cinematográfica na sociedade, pois ela é uma instituição que reflete as condições socioeconômicas e culturais de uma dada realidade social.

A partir da reflexão sobre as diferentes realidades que compõem os universos escolares, considero importante enfatizar o movimento de saída da sala de aula para a sala de cinema. Não desmerecendo as atividades que envolvem esse tipo de mídia dentro das escolas e das próprias salas de aula, acredito que sempre é de grande importância uma nova abordagem da prática pedagógica e o empenho do professor que sempre busca o melhor em seu cotidiano, precisa ser enaltecido.

Contudo, aqui, refiro-me à mudança do pano de fundo, onde os alunos saem do lugar em que estão acostumados – a escola – e vão para um outro espaço, desconhecido ou não, mas com histórias outras. Imersos em outra realidade, o filme a ser assistido poderá ter uma outra abordagem, um outro apelo, que pode sim, se desvincular de uma disciplina específica e ser plural, misturada com as experiências individuais e as que serão construídas com essa vivência. Esse movimento representa um outro olhar sobre uma nova perspectiva que está sendo proposta por meio da atividade desenvolvida na sala de cinema, podendo emergir o interesse e a criticidade por aquela obra em específico ou tantas outras que virão. Como disse Fantin (2007), no trecho posterior, tais vivências fora dos muros

da escola trazem uma nova perspectiva e um novo olhar não apenas sobre a obra a ser analisada, mas na experiência como um todo, vivida dentro da sala de cinema e a sua magia onde o indivíduo não apenas se relaciona com o outro, mas se entende num papel reflexivo e crítico.

Por constituir-se como cruzamento de práticas socioculturais diversas, o cinema é um agente de socialização que possibilita encontros das mais diferentes naturezas: de pessoas com pessoas na sala de exibição, das pessoas com elas mesmas, das pessoas com as narrativas nos filmes, das pessoas com as culturas nas diversas representações fílmicas e das pessoas com imaginários múltiplos, etc. (FANTIN, 2007, p. 3).

Fresquet ressalta a experiência do cinema como algo que independente da sua condição, seja professor ou aluno, todos estão diante da mesma tela imersos no mesmo conteúdo. A questão do saber não é relevante nesse momento, todos estão vivenciando juntos ir ao cinema e assistir ao filme, todos como expectadores.

No ensino formal, aprimoramos nossa capacidade de leitura, de fala e de escrita dessas linguagens, mas o inicial já estava garantido previamente. Ninguém nunca nos explicou a língua materna e também como assistir a um filme. Na hipótese de afirmar a igualdade, pensamos que na escola, também, podemos ver alteradas certas disposições dos corpos destruindo a clássica relação de hierarquia. Ao assistir a um filme, por exemplo, não há uma relação que coloque os corpos de frente uns para os outros, espelhando o enfrentamento entre quem tem posse de um saber e quem o ignora. Mesmo que o professor ou algum estudante tenha assistido ao filme, todos se colocam no mesmo sentido: de frente à tela. Ao aprender a filmar, por exemplo, todos nos colocamos ao redor da câmera, desconstruindo qualquer forma de hierarquia de ocupação de lugar de saber. (FRESQUET, 2017, p.23)

Outro fator relevante é a questão das novas tecnologias, cada vez mais presentes nas vidas das pessoas. Sua presença em sala de aula é inevitável e pensar em como o professor deve utilizá-la é um problema. A rapidez das informações e toda a questão visual que é característica da tecnologia, tem seu reflexo na vida dos alunos, onde o interesse pelas aulas no estilo “tradicional” está cada vez mais distante. Novas formas de acesso e aprendizagem são necessárias numa geração que é apegada às diferentes mídias. Sendo assim, fazer essa conexão da sala de aula com o mundo lá fora é necessário e o cinema pode ser uma dessas ferramentas. Com a experiência do indivíduo fora de sala em um ambiente que estimule o debate, cria-se um novo espaço e contexto de desenvolvimento da

aprendizagem e, assim, o questionamento sobre diferentes assuntos e possibilidades.

1.2 – Como o cinema começou a ser visto como espaço educativo?

O cinema surgiu na França, no ano de 1895, como forma de entretenimento em sua estética preto e branco, muda e com sobreposições de imagens que davam a ideia de movimento. Na área de educação, no Brasil, é possível achar registros do uso de cinema para fins pedagógicos ainda no início do século XX. Já nesse período haviam uma preocupação de como determinado filme seria abordado em sala de aula e quais as implicações que poderiam ter sob os alunos.

É inegável, por exemplo, que filmes produzidos nas décadas de 30 e 40 estavam carregados pelo contexto da Segunda Guerra Mundial e ao fazer a escolha por um filme americano, e não alemão ou russo, fazia-se uma escolha permeada também pela política. No Brasil podemos observar, no período, a criação do INCE (Instituto Nacional do Cinema Educativo) que ficou ativo de 1937 a 1967. O INCE não só produzia filmes como também mapeava filmes educativos já existentes, escolas que possuíam projetores, dentre outras ferramentas que buscassem não só centralizar a informação, como também sistematizá-las.

Era também o Estado brasileiro o grande incentivador e censor da indústria cinematográfica no país. Com a criação do Instituto Nacional do Cinema e da EMBRAFILME – Empresa Brasileira de Filmes S.A, além de medidas de proteção do mercado, o cinema brasileiro, na década de 1970, apresenta uma expansão ainda auxiliada pela consolidação do hábito de frequentar o cinema que se mantém até a década de 1980. Em nome da “integração nacional”, o mesmo Estado que muitas vezes patrocinava os meios de difusão, agia como elemento censor, a fim de permitir que fosse divulgado apenas aquilo que não ferisse qualquer item da Doutrina de Segurança Nacional.

No final da década de 80, em um contexto de redemocratização, há um movimento de retomada da utilização do cinema no espaço escolar. Assim, o cinema e sua utilização em sala de aula passam a ser tema mais corriqueiro no de-

bate acadêmico. Dessa maneira chegamos à contemporaneidade com certa bibliografia sobre a utilização de filmes como material didático e de que forma o professor deve se aproveitar da linguagem fílmica para auxiliar no aprendizado.

Por outro lado, para Walter Benjamin (1984), o cinema como elemento cultural facilita não só a massificação, como também a alienação sociocultural, o que exemplifica a utilização do cinema como forma de propaganda por alguns governos. Marcos Napolitano (2018) acredita que além de uma cultura de massa, o cinema nos brinda com os detalhes técnicos, artísticos e o lazer que pode proporcionar. Todas essas questões são relevantes para serem consideradas pelo professor ao escolher um filme, como citadas a seguir:

A peculiaridade do cinema é que ele, além de fazer parte do complexo de comunicação e da cultura de massa, também faz parte da indústria de lazer e (não nos esqueçamos) constitui ainda obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada. O professor não pode esquecer destas várias dimensões do cinema ao trabalhar filmes em atividades escolares.(NAPOLITANO, 2018, p. 14).

Rosália Duarte e João Alegria (2008) consideram que a utilização de filmes no contexto escolar deve ir além de uma mera ilustração de um conteúdo escolar, pois tem que se levar em consideração a estética, além do período em que foi produzido e a supressão, ou não, de determinado fato. Logo, o filme não seria mero instrumento ilustrador e, sim, parte do conteúdo. Sobre a presença de filmes na Educação, os autores afirmam:

Os mais de oitenta anos que nos separam dos primeiros movimentos para formulação de políticas públicas voltadas para aproximação entre educação e cinema não parecem ter nos levado a superar essa espécie de “marca de origem” que faz com que a presença de filmes na educação, sobretudo em âmbito escolar, tenha um caráter fortemente instrumental. Entendemos como “uso instrumental” a exibição de filmes voltada exclusivamente para o ensino de conteúdos curriculares, sem considerar a dimensão estética da obra, seu valor cultural e o lugar que tal obra ocupa na história do cinema Ou seja, se tomamos os filmes apenas como um meio através do qual desejamos ensinar algo, sem levar em conta o valor deles, por si mesmos, estamos olhando através dos filmes e não para eles. Nesse caso, seguimos tomando-os apenas como “ilustrações luminosas” dos conhecimentos que consideramos válidos, escolarmente (DUARTE; ALEGRIA, 2008, p. 69).

A utilização do cinema com linguagem em sua maioria simples e de fácil entendimento é também uma ferramenta a ser explorada. Além disso, trata-se de um “recurso” que pode ser usado para facilitar a aprendizagem como, por exem-

plo: em uma aula sobre Idade Média utiliza-se um filme que permita ao aluno se situar no tempo e no espaço de maneira mais eficiente do que com a utilização de mapas. Não podemos nos esquecer como colocado por Marc Ferro, a seguir, que os filmes também são documentos históricos e, por essa razão, devem ser analisados como tal.

Nessas condições, empreender a análise de filmes, de fragmentos de filme, de planos, de temas, levando em conta, segundo a necessidade, o saber e o modo de abordagem das diferentes ciências humanas, não poderia bastar. É necessário aplicar esses métodos a cada substância do filme (imagens, imagens sonoras, imagens não sonorizadas), às relações entre os componentes dessas substâncias; analisar no filme principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime. Pode-se assim esperar compreender não somente a obra como também a realidade que representa (FERRO, 1988 p. 6).

A expansão do mercado cinematográfico e da tecnologia nos dias de hoje, de certa forma torna um pouco mais acessível nos grandes centros, com mais temáticas e uma rotatividade de produções cinematográficas maior, a entrada dos filmes nas escolas. Há, então, uma observação: quanto maior o avanço tecnológico, menor é a saída da sala de aula para o espaço cinema.

O Projeto Escola no Cinema permite ao professor fazer o movimento inverso, os alunos vão ao cinema e não o contrário. Assim, novas análises passam a permear o universo do cinema e da escola. Um filme assistido dentro de sala de aula tem o mesmo impacto, aos alunos e ao professor, que aquele assistido nas salas de cinema? Como o professor aborda o conteúdo após a exibição na grande tela? Estas e outras questões que possamos encontrar é o que vamos interpretar mais a fundo analisando os dados pesquisados daqui para a frente.

No próximo capítulo, deter-me-ei ao diálogo sobre o projeto Escola no Cinema, sua história e percepções.

2 FLASH BACK – OLHARES SOBRE O PROJETO ESCOLA NO CINEMA

Neste capítulo trarei a história do Projeto Escola no Cinema, como aconteceu a sua criação, quais foram os primeiros objetivos e seus desdobramentos. Todas as informações apresentadas no texto foram gentilmente fornecidas pela criadora do Projeto, Patrícia Durães⁵. Em alguns momentos destacarei trechos da entrevista, onde a fala de Patrícia se mistura à narrativa. Em alguns outros momentos, levarei em questão não somente o Projeto Escola no Cinema, mas também outros Projetos que são desenvolvidos concomitantemente nesses espaços, como o Clube do Professor, que de certa forma, acaba por contribuir com o acesso de professores às salas de cinema, o que aproxima ainda mais a Escola de tais atividades.

Ressalto que Patrícia faz importantes colocações acerca da história do Projeto Escola no Cinema ao longo dos anos, e também do Clube do Professor, as modificações no Projeto que ocorreram com o tempo e as formas que foram encontradas para continuar existindo e até ampliando para outros Estados.

Contudo, algo que gostaria de destacar aqui é a fala de Patrícia Durães, que é repleta de vivência e paixão pelos seus Projetos, nitidamente de quem colocou a mão na massa e realmente “fez o sonho acontecer”, ela traz para esse diálogo não só os avanços e pontos positivos da existência do Projeto, mas também aspectos negativos e entraves que por vezes apareceram em sua trajetória.

2.1 – História e conversa com a criadora do projeto escola no cinema

O Projeto Escola no Cinema e a sua criação está diretamente ligada à formação de público, onde existe o contato direto do educador e estudantes da pré-escola à universidade com o cinema. A proposta de desenvolver essas ações dentro das salas, abrindo o cinema para a população, almeja que o público realmente se aproprie não só de uma sessão de cinema, mas também do espaço

5 Patrícia Durães educadora e criadora do Projeto Escola no Cinema.

como um todo. A área de convivência é priorizada, onde o espectador pode estar no cinema, usufruir de tudo que ele oferece.

No espaço do cinema é possível observar que, além das salas de exibição, há um saguão grande, uma livraria e um café, uma área que poderia ter sido transformada em mais salas, e não o foi, com o objetivo de que haja a convivência, que haja o bate-papo, a reflexão a partir do que é experimentado e assistido ali naquelas salas de cinema. Isso ocorre porque a experiência com o cinema é muito particular, mas, ao mesmo tempo, quando você está em uma sala de cinema assistindo a um filme com outras pessoas, a experiência torna-se coletiva. Às vezes o indivíduo já pode perceber essa diferença ao assistir o mesmo filme em uma sala de cinema e em casa, sozinho, ou mesmo com algumas pessoas. Tem ali uma outra relação com a obra, na medida em que a atividade se torna mais cotidiana, e, nesse caso, interage-se mais com o seu dia a dia. Por outro lado, no cinema, com todo o seu aparato, com uma sala apropriada, cria-se uma cerimônia, um ritual da locomoção à chegada.

Considerando-se esse ritual que se constitui em torno do ato de ir ao cinema, é preciso ressaltar que só o fato do espectador se deslocar para ir a esse espaço já faz com que haja, subjetivamente, uma preparação para aquele momento. A ida ao cinema é uma ação cidadã.

O importante era conquistar a escola e fazer ela sair de dentro, né? Tirar as crianças de lá de dentro e levar pro cinema, pro convívio social, né? E cultural também, começar a conhecer os equipamentos da cidade, né? E se começa com cinema, daqui a pouco vai a um teatro, daqui a pouco vai ali e as escolas tem uma tradição de levar as crianças ao teatro, né? (PATRÍCIA DURÃES, 2020, criadora do Projeto Escola no Cinema).

Por outro lado, pensando sobre a história do Projeto e as suas motivações que começaram lá atrás, em 1985, no Rio de Janeiro, para melhor compreender esse delineamento, é importante conhecer um pouco da biografia de Patrícia Durães, sua criadora.

Patrícia trabalhava em uma escola na coordenação cultural, em uma função que não existia muito nas escolas naquela época. Somente algumas instituições que tinham essa proposta, mas muito poucas. Porém, em algumas delas, dentre as atividades que a escola tentava programar para os alunos, estava a ida ao cinema.

Existia muita dificuldade em trabalhar com a linguagem cinematográfica, seja pela questão estrutural, ou pelos horários com sessões disponíveis para alunos e até mesmo devido aos professores não serem familiarizados com a linguagem do cinema. Patrícia conta que era uma outra época, muito difícil trabalhar com imagem em movimento, mas que hoje já se avançou bastante com a tecnologia e até existem escolas bem equipadas em relação ao audiovisual, embora seja preciso reconhecer que esse avanço não se constitui como um padrão, pois há escolas que continuam como há mais de 20 anos atrás, estacionadas nas formas de fazer de um século que já ficou para trás.

Nesse movimento de pensar a escola para além do seu tempo, articular a cultura e a sétima arte com a educação e os conteúdos escolares, Patrícia Durães em posse de um projetor de 16mm e com filmes que deveriam ser compatíveis e assim exibi-los para as Escolas. Também buscava filmes em emissoras, dentre elas a Rede Globo, que disponibilizava materiais com conteúdo para televisão, por exemplo, alguns documentários como o Globo Repórter. Entretanto, como o conteúdo disponibilizado pela emissora possuía o formato de programa de TV visando o mercado consumidor, tornava difícil poder trabalhar questões que proporcionassem uma busca de outros significados, além do tema exposto no documentário e até mesmo uma percepção artística. Esses documentários ficavam muito restritos ao trabalho com o conteúdo apenas, com a linguagem falada e não com a leitura/ interpretação que a imagem nos proporciona.

Outra problemática que professores e escolas esbarravam, era o horário de funcionamento dos cinemas. Foi aí que se buscou convencer o exibidor a abrir um cinema em um horário alternativo, uma vez que, no horário escolar, também era muito difícil achar o filme que estivesse em cartaz e apropriado para o grupo de alunos programado para aquela atividade, combinando conteúdo e outros interesses. Esses cruzamentos necessários para que a atividade no e com o cinema não se restringisse a um passeio se constituía como missão quase impossível.

Desse modo, Patrícia resolveu escrever um projeto, junto com uma outra professora, Eliane Monteiro, que também apostava nessa linha de trabalho além dos muros da escola, e encontraram um grupo, também de sonhadores, no qual conheceu Adhemar de Oliveira, que estava abrindo um cinema e então a ideia de se criar também um Cineclube. Este era um projeto singular, que no desenrolar do trabalho veio a transformar o parque exibidor porque o Cineclube da época era

uma atividade marginal, que acontecia em uma sala, ou de clube ou de igreja, com um projetor de 16 mm. Hoje observa-se que a questão artística se sobressaiu com a defesa de uma linguagem mais autoral, mais artística, diferente da linguagem comercial, da cultura hegemônica que se associavam ao interesse das companhias e que acaba por limitar o repertório cinematográfico da maioria das pessoas.

A ideia era fazer um novo Cineclube, com conforto, com saguão de espera, com uma projeção em 35mm, com bons equipamentos e uma programação diferenciada. Enfim, pretendia-se o desenvolvimento de uma atividade com as escolas que se fizesse por meio de um cinema profissional e diferente.

Dentro dos objetivos do Projeto havia uma ação educativa. Para isso, era importante ter um educador na equipe para o diálogo direto e efetivo com as escolas. Então, Patrícia e Eliane se integraram ao grupo e estava formado assim, o Cineclube Estação Botafogo, no Rio de Janeiro, com Adhemar Oliveira, sendo parceiros nessa batalha até hoje.

Inaugurado o Cineclube, foi criado o projeto “Escola no Cinema” com a proposta de fomentar o hábito no aluno de ir ao cinema, de estimular o trabalho com o audiovisual dentro da escola e facilitar a prática do professor com sessões em horários alternativos. Quando o cinema estivesse fechado para o público em geral, estaria aberto para as escolas.

Posteriormente nasce o Espaço Itaú. Este apresenta como linha de trabalho um modo de ver e de agir dentro de uma perspectiva cultural e educativa, endossando a abertura do cinema para a população e querendo tornar aquele um espaço público não distanciado da realidade social. Para tornar essa atividade um despertamento do gosto pela sétima arte e promover, efetivamente o cinema como outro espaço de aprendizagem, é facilitado o acesso a quem pode e a quem não pode pagar. Há escolas que vão gratuitamente e escolas que pagam o ingresso; isso proporciona um equilíbrio garantindo um maior acesso.

O projeto cresceu e essa ação foi ampliada para outras salas de cinema no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1993. Em São Paulo, foi desenvolvido também, um trabalho com o educador devido à necessidade de uma conversa mais próxima e mais frequente. Eram realizados encontros com os professores e, nesses encontros, a linguagem audiovisual era ofertada como condição de trabalho,

apresentando o filme e uma possível abordagem do conteúdo de forma que pudesse aproximar a sala de aula e o cinema.

A ideia do Clube do Professor surgiu com a proposta de ampliação de repertório cinematográfico, que aconteceu em São Paulo a partir de novembro de 2001. Antes do Clube, o trabalho era artesanal, onde os criadores do Projeto precisavam estar sempre presentes nos cinemas para acompanhá-lo. Então, naquele contexto, precisava-se descobrir uma forma de ampliar para outras salas e outras cidades.

Uma expressão utilizada por Adhemar, para a expansão do Clube do Professor e do Projeto Escola no Cinema, é a de que era preciso colocar “rodinhas” no projeto para que ele pudesse seguir. As rodinhas foram colocadas. Mas que rodinhas, asas, pois hoje em dia, o Clube do Professor se expandiu e o projeto é desenvolvido em sete cidades do país.

O professor, sócio do Clube (assim são chamados os professores cadastrados), assiste uma média de quatro, cinco filmes por mês, o que contribui para a divulgação desses filmes e a sua possível utilização em sala de aula. Geralmente o trabalho é feito com pré-estreias, filmes que ainda vão entrar no circuito. A ideia de colocar as distribuidoras como parceiras, é uma estratégia de lançamento no ponto de vista das distribuidoras e, para o Clube, é uma forma de apresentar antecipadamente um filme inédito para o professor. Ele lança mão desse material antes que vá para o circuito. Quando o aluno falar do filme em sala de aula, o professor já sabe do que se trata, pode utilizar aquela obra como referência tornando sua aula atual e instigante. Além disso, pode aproveitar o filme em cartaz na cidade para levar seus alunos, estando dentro do cotidiano dos mesmos, até fora do período escolar.

Então a gente criou o Clube do Professor pra isso. Pro professor ter um mergulho mesmo no cinema. Hoje o professor que frequenta o Clube do Professor todo sábado, ele tá cinco vezes a mais que um público normal, né? Um expectador normal de cinema brasileiro... Então o professor vê quatro ou cinco filmes por mês. Então é uma coisa de realmente ampliar o repertório dele, de fazer ele mergulhar em filme. E filmes bem diversos, sabe? Uma diversidade grande de filmes pra ele realmente curtir e ver o que que ele gosta, se situar dentro das filmografias (PATRÍCIA DURÃES, 2020)

Com isso, o professor vai se apropriando da linguagem, compreendendo cada vez mais, começando a ter um leque de opções e de visões mais ampliadas,

porque o objetivo é trabalhar com a maior flexibilidade possível na programação. Não são filmes só voltados para a educação do ponto de vista pedagógico, pois é necessário diversificar, apresentar do filme comercial até o filme de autor, do filme de mais difícil compreensão ao mais cultural, mais poético, até a um filme mais palatável sem muito apelo intelectual. Além disso, deve exibir o filme brasileiro e a cinematografia mundial, pensando no educador como um espectador, o fruidor mesmo; sabe-se que o professor precisa desfrutar de um momento que é só dele, independente de trabalhar em sala de aula, ou não, aquele filme assistido. Na proposta, não existe uma cobrança ao professor do trabalho imediato e, sim, vivenciar uma experiência cinematográfica.

E os professores sempre falam. Gostam muito e a reação deles em relação ao projeto é de falar que eles são muito gratos pela valorização, de ... é valorizar a classe, né? De que eles precisam realmente de investimentos, que eles precisam realmente ter acesso a uma vida cultural (PATRÍCIA DURÃES, 2020)

No início do Projeto, a experiência do professor no cinema estava diretamente ligada à sala de aula, onde o mesmo deveria trabalhar o conteúdo com seu aluno. O filme era apresentado para ser trabalhado em sala de aula, direcionando a atenção do professor para conteúdos existentes na obra e apresentando uma proposta de trabalho, por meio da qual deveria adotar a proposta e o ponto de vista apresentados pelo Projeto. Essa conduta, de certa forma, privava os professores de realmente viverem a experiência total do cinema, tendo um olhar conduzido por uma atividade previamente proposta.

Em São Paulo o Clube acontece em quatro salas, sessões gratuitas e exclusivas para professores, no sábado pela manhã. Nessas quatro salas são oferecidas opções de dois filmes (um mesmo título em duas salas). Há o objetivo de ofertar também a possibilidade desse professor trabalhar ainda mais o aprimoramento do olhar, com a exibição de um ou dois filmes, conforme a cidade, e na sala ao lado o sócio encontrará outra opção, oficina ou palestra. Ainda estão em busca de um nome adequado para esse trabalho com os professores, porém ainda não foi definido. É uma tentativa de fazer com que o professor também se interesse em buscar uma outra via, não só assistir filme, mas somar a literatura, o teatro, as artes plásticas, enfim, vivências que contribuam com a construção do olhar para o cinema e para a linguagem cinematográfica. Existem alguns cursos

nas salas e, para os associados do Clube do Professor com o desconto de 20% a 30%, com mais de uma possibilidade para o entendimento da linguagem do cinema. São cursos de Crítica Cinematográfica, Documentário, Roteiro, Compreensão do Cinema a partir de uma escola ou diretor.

O Clube do Professor acontecia em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba, Juiz de Fora, Santos e Fortaleza. Em 2008 foi ampliado para Salvador. Com mais de 20 mil sócios nessas praças, o objetivo é tentar levar esses cursos para todas as cidades. Rio e São Paulo são os lugares onde realmente tem mais procura, mais cursos a oferecer e, também, parcerias com alguns teatros para obter descontos. As outras cidades necessitam ainda mais disso, pois não tem a vida cultural de São Paulo, Rio e Porto Alegre.

Voltando à dinâmica do “Escola no Cinema”, é necessário explicar como ele funciona e como é o cotidiano desse projeto. O atendimento é feito nos horários alternativos dos alunos. Quase toda manhã grupos de estudantes assistem filmes e a sala fica à disposição do professor para realização de algum trabalho após a sessão, um debate com os alunos, por exemplo. Também no atendimento em sessões normais: durante o horário comercial do cinema, existe uma cota reservada para grupos de estudantes e um preço promocional para as associações beneficentes e para os projetos sociais. Vários projetos sociais desenvolvem um trabalho com cinema, por exemplo um grupo de deficientes auditivos que utilizam o cinema para a prática de leitura de imagens. Também uma instituição de saúde mental, que traz seus pacientes para vivenciarem situações de readaptação na sociedade como a ida ao cinema, assim, o atendimento vai se adequando de acordo com a demanda de cada grupo. O importante é o acesso não ser negado e o espaço ser o mais inclusivo possível.

Mesmo com o acesso aberto, ainda existem limites decorrentes de uma instituição privada como a cobrança do ingresso, que deve ser feita para garantir a continuação do projeto, a ampliação do mesmo e também de projetos futuros. Essa é a razão de tantas formas de atendimento, desde o gratuito até a meia-entrada do cinema (a manutenção do projeto é garantida apontando resultados satisfatórios).

A gente tenta fazer até hoje só que cada dia diminui mais o número de eventos por mesmo questões de verba, patrocínio e tal que a gente não consegue mais como conseguia na época, né? Hoje as escolas também

tem muitas salas de exibição dentro da própria escola, né? A questão do digital influi bastante, né? Então é mais fácil você ter o conteúdo. Você já pode exibir de uma forma melhor, com mais qualidade, né? Com um bom projetor dentro da sala, mas nada substitui a sala de cinema (PATRÍCIA DURÃES, 2020)

Sobre a experiência dos alunos, à primeira visita, a sala de cinema é o grande espetáculo. Estar naquele cinema, convivendo naquele local cheio de amigos, conhecendo tudo o que há dentro dele pode ser uma experiência mágica. Nessas salas tem muito estímulo. Tem, por exemplo a cabine de projeção, em torno da qual existe uma grande curiosidade, já que as crianças menores gostam muito de virar ao contrário, deixando a tela para trás e ficar olhando o fecho de luz saindo da janela da cabine. A grande magia é de como essa imagem foi parar ali na tela. Quem nunca foi ao cinema e não teve a vontade de ir atrás da tela para ver se tem algum botão, se é uma grande televisão?! Na primeira vez no cinema, adulto ou criança tem essa mesma reação! Explorar o espaço, querer ver tudo, olhar tudo, investigar e descobrir.

E a experiência de você tá ali, você realmente se isola, tá total pra aquela experiência, pra aquela vivência. O som agora, a sala, o escuro, a convivência com outras pessoas, né? Você compartilhar aquela experiência, aquela emoção não tem igual, não existe igual, né? Tem obras que foram feitas pra este formato, pra estar ali. Não é uma coisa de televisão. Funciona também, mas se você vê um produto que foi feito pra tv e você leva pra dentro da sala de cinema já é diferente. A tua atenção já é outra, né? Você não tem estímulos externos, você não tá em casa que você pode parar, sair e voltar, você não é interrompido... então não tem igual (PATRÍCIA DURÃES, 2020)

Ir ao cinema significa também circular pela cidade, conhecer sua cidade, apropriar-se da sua cidade. Os grupos que sempre participam, mesmo sendo uma vez por mês, uma vez por semestre, desde que tenham como constância e o hábito de frequentar o cinema, mudam gradativamente o comportamento e a cada visita aproveitam mais o momento. E, a médio e a longo prazos, o “olhar”, a crítica se transforma. O cinema tem essa empatia porque o espectador tem a impressão da realidade. É como se você estivesse vivendo aquela história. As imagens se movimentam, o ritmo é real, os personagens falam, é colorido: a identificação do espectador com a tela é imediata. Acontece também uma participação afetiva, pois o cinema passa pela memória individual, onde o espectador começa a lembrar de coisas íntimas, começa a se identificar e se emocionar.

Olha, naquilo que a gente tava falando desde o início, né? Que é essa questão de como que o cinema emociona, como o cinema aproxima, o cinema te desloca pra outros lugares, ele te atravessa o tempo. Então isso dá uma vivência e desperta a curiosidade de aprender, de conhecer, de querer saber e eu acho que esse é o mote. Essa coisa de despertar a curiosidade, né? De despertar a sensibilidade, a emoção e isso aflora sentimentos, aflora desejos de você ir em frente e dar os insights, né? Então o professor tem que estar atento as reações das crianças e dali ele puxar e levar adiante aquele conhecimento e aquele momento de aprendizagem, né? Mas só da vivência do cinema, de você tá ali e aquilo te emocionar e te tocar, ele sozinho, o aluno sozinho pode também procurar isso, né? E achar e, muitas vezes, tem vários que acham seus talentos vendo filmes e se transformam em cineastas ou, sei lá, físicos porque viu um filme incrível e aquilo despertou nele... (PATRÍCIA DURÃES, 2020)

A importância da participação do professor no cinema é fundamental, não apenas absorvendo conteúdo a ser trabalhados, mas também tendo a sensibilidade de conhecer a história de seus alunos e podendo utilizar a linguagem cinematográfica para atingir objetivos não só pedagógicos. O professor deve ter uma participação como multiplicador do Projeto.

Como pode ser observado, pude trazer para este texto a história do Projeto Escola no Cinema contado diretamente pela criadora, Patrícia Durães, que ressalta toda sua trajetória, bem como perspectivas e desafios encontrados ao longo do caminho.

No próximo capítulo, apresentarei os caminhos metodológicos que julguei serem mais adequados e que me permitiram fazer a análise de meu objeto de pesquisa, o Projeto Escola no Cinema.

3 SCRIPT – ROTEIRO DA CAMINHADA

Nesse capítulo abordarei os caminhos metodológicos que escolhi para desenvolver essa pesquisa, além de apresentar um pouco de minha trajetória e o ponto de partida aliado ao viés metodológico. Entretanto outros fatores também serão abordados, farei a apresentação da entrevista bem como a escolha das perguntas e as inquietações acerca das mesmas. Um breve panorama sobre os atores, discorrendo sobre a carreira e o seu cotidiano de grande relevância em minha pesquisa.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa se insere dentro do campo de pesquisa qualitativa. Tal opção baseia-se na busca por melhores resultados, visto que se trata de experiências de seres humanos, que possuem diferentes significados, interpretações e consequências para os atores envolvidos no campo.

As abordagens à metodologia qualitativa sofrem ou apresentam variações conforme as interpretações dos autores, mas aproximam-se nos aspectos fundamentais (MEIRINHOS e OSORIO, 2010, p. 2).

Ainda sobre a abordagem qualitativa em pesquisa nas ciências humanas e, no caso desta, na área de ensino, recorro mais uma vez a Meirinhos e Osório (2010, p. 51) afirmam que:

os modelos qualitativos sugerem que o investigador esteja no trabalho de campo, faça observação, emita juízos de valor e que analise. Na investigação qualitativa, é essencial que a capacidade interpretativa do investigador nunca perca o contacto com o desenvolvimento do acontecimento (MEIRINHOS e OSORIO, 2010, p. 51).

Como dito anteriormente, a pesquisa realizada tem caráter qualitativo, o que contribui para o alcance dos objetivos propostos para sua realização. Diante disso, cabe reafirmar que o objetivo geral deste estudo consiste em levantar as contribuições do Projeto Escola no Cinema para a prática docente e analisar os possíveis impactos da participação no projeto para o cotidiano da sala de aula.

As relações entre o objeto pesquisado, bem como o desejo de saber mais sobre as consequências da imersão dos atores escolares no campo cinematográfico por meio do Projeto Escola no Cinema, desenvolvido pelo Espaço Itaú de Ci-

nemas, considerando os objetivos acima delineados, norteiam a minha opção metodológica.

Observo, ainda, que há subjetividade manifestada pela relação que estabeleci com o objeto pesquisado, a qual circunda a opção pelo estudo da interação do cinema Espaço Itaú de Cinema, localizado em Botafogo, no Rio de Janeiro e as experiências vividas lá por professores participantes do projeto. Tal subjetividade será explicitada ao longo de toda apresentação metodológica desta pesquisa.

Ainda sobre o caminho que percorri em minha pesquisa, devido ao longo tempo de atuação do Projeto Escola no Cinema, em que muitas escolas participaram do mesmo, minha decisão foi fazer um recorte no período compreendido entre os anos de 2017 e 2019, de forma a fazer uma análise do objeto.

Embora o Projeto se desenvolva em diferentes cidades brasileiras, preferi também delimitar geograficamente o Projeto e investigar, por meio de Estudo de Caso, o contexto do Rio de Janeiro, pela proximidade e pela minha vivência no mesmo.

Para fins metodológicos optei pelo Estudo de Caso como mencionado anteriormente, visto que esta opção melhor explica, a meu ver, o campo escolhido, seus atores e as influências que possui na prática pedagógica dos docentes e nos processos formativos dos discentes que por ali passaram.

Neste sentido, o estudo de caso rege-se dentro da lógica que guia as sucessivas etapas de recolha, análise e interpretação da informação dos métodos qualitativos, com a particularidade de que o propósito da investigação é o estudo intensivo de um ou poucos casos (LATORRE et al., 2003 In OSÓRIO e MEIRINHOS, 2010, p. 4).

A opção específica pelo espaço cinematográfico nesta pesquisa teve a sementinha plantada em o meu encontro com o objeto quando criança, conforme descrito na introdução desta dissertação. Posteriormente as motivações e o interesse em pesquisar o Projeto Escola no Cinema, teve início quando trabalhei no Espaço Itaú de Cinemas como gerente. Naquela ocasião, pude acompanhar de perto toda a rotina do cinema e, principalmente, ter um contato próximo e direto com o projeto. Como representante do Cinema, pude estar presente nos bastidores, desde a marcação da sessão, assim como acompanhar as escolas desde a chegada ao cinema, até o momento de irem embora, quando as acompanhava

até o portão do Espaço Itaú de Cinemas. Havia ocasião em que eu também ficava responsável pela exibição do filme.

Evidentemente o interesse também aconteceu devido à minha formação. Mesmo não tendo atuado em minha área na época, ser professora me trazia essa perspectiva, ou seja, um olhar sobre a experiência dos alunos e quais possíveis repercussões teria aquela atividade na vida deles. Esse olhar, permitia-me perceber o interesse dos professores que levavam suas turmas para participar do projeto, configurando-se, assim, a possibilidade de proporcionar diferentes atividades para seus alunos. Porém, outro fator de grande relevância, como já dito aqui nesta pesquisa se soma a este: fui aluna da Rede Pública Municipal de Educação do Rio de Janeiro, e participei diversas vezes do Projeto como aluna.

Destaco aqui a particularidade de estar ligada intrinsecamente ao Projeto devido a toda vivência desde a escola primária, como já mencionei nesse texto, o que me proporciona uma visão com ângulos diversos do objeto em questão. Sob essa perspectiva - de aluna, representante do cinema e professora - podem trazer um outro olhar acerca da mensagem e considerações que o entrevistado está passando sobre o Projeto Escola no Cinema.

Nesse sentido, a entrevista torna-se relevante para a obtenção de dados de caráter subjetivo, principalmente na pesquisa qualitativa, na medida em que essa, ao estabelecer uma relação de interdependência entre o sujeito e o objeto, destaca o sujeito, que tem papel fundamental no processo de investigação ao interpretar os fenômenos atribuindo-lhes significados (OLIVEIRA, FONSECA, SANTOS, 2010, p. 38).

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB), do Instituto de Aplicação da UERJ, já havia deixado de exercer minha função no cinema, porém, devido ao trabalho pude preservar o contato com a criadora do Projeto, Patrícia Durães, que me auxiliou e pode me explicar melhor sobre a parte administrativa, como, por exemplo, o cadastro de escolas e professores participantes ao longo dos anos.

Não objetivo universalizar esta experiência, tendo-a como única possibilidade da interação entre a escola e o cinema, mas, por sua vez, contribuir com as pesquisas que têm sido feitas⁶ sobre o tema que se refere a uma experiência, dentre tantas, que faz parte de nossa cidade e da trajetória de muitos professores.

6 O projeto de pesquisa e extensão Cinema para Aprender e Desaprender (CINEAD, do laboratório do Imaginário Social e Educação (LISE) da Faculdade de Educação (FE) do

Ainda sobre minha pesquisa, mais especificamente sobre a reflexão de qual metodologia melhor se adequaria para me auxiliar nessa caminhada considerando as características do objeto de pesquisa e a possibilidade de ter participado do Projeto em diversos ângulos e percursos, destaco que o Estudo de Caso me permite fazer uma análise do objeto e conseqüentemente fazer generalizações. Dessa forma, é possível sair do Projeto Escola no Cinema para pensar na utilização do cinema na educação de uma forma mais ampla, levando em conta toda a característica da educação no Rio de Janeiro e a questão do acesso a espaços culturais de maneira geral, principalmente por alunos da rede pública de ensino, mesmo não possuindo um grande número de entrevistados.

Cabe ressaltar que a realidade na qual estamos inseridos e que observamos diariamente, através de jornais ou olhando com um pouco de atenção as escolas de nossa região, seja ela qual for, podemos ter uma visão de toda a complexidade que é tirar alunos de dentro dos muros da escola para fazer atividades fora do espaço escolar.

Em diálogo com esse aspecto, gostaria de pontuar a questão da escola pública e a sua realidade. Na cidade do Rio de Janeiro, possuímos realidades diversas até mesmo entre escolas públicas, como dito anteriormente. Pude vivenciar essa realidade como aluna da Escola Municipal Minas Gerais, destacando-se a questão do acesso a espaços culturais como cinemas, teatros e tantos outros.

A Escola a qual frequentei é muito diferente das escolas espalhadas pelo município a começar pela localização, por se tratar de um bairro da Zona Sul, elitizado e bastante restrito, que é a Urca. Mas mesmo diante desse panorama, cabe ressaltar ser uma Escola Pública e que, como tal, lida muitas vezes com a falta de incentivo como todas as outras.

Venho trazer impressões acerca do que vivi na escola, mas também, agora, com o olhar de educadora. Retrato aqui situações em que, quando professores planejavam uma aula em que um filme ou documentário deveria ser exibido, iríamos para uma sala previamente reservada para nossa turma, com cadeiras iguais as da sala de aula e o professor deveria pegar na secretaria uma chave para abrir

uma caixa gradeada que protegia a televisão e o videocassete. A questão a qual quero ressaltar é a experiência de viver o cinema para as crianças de escolas como a minha e de tantas outras – que nem ao menos televisão dentro de uma caixa gradeada tinham ou têm – que chegam em um espaço onde não existem grades e se encontram com a magia do cinema em uma tela enorme, onde o show acontece.

Em relação ao estudo de caso como metodologia de pesquisa, Duarte (2008) apresenta um panorama em que um caso particular pode ser utilizado para a compreensão de um caso em maior escala. Diante disso, procurei trazer para minha pesquisa essa perspectiva, por meio da qual, a partir da análise dos possíveis impactos do Projeto Escola no Cinema, pode ser pensada a utilização de espaços não formais de ensino, no caso o cinema, como parceiro da escola e de professores no processo de ensino-aprendizagem.

Em relação a escolha de meu objeto, Duarte (2008) vem endossar que, tratando-se de uma pesquisa qualitativa, a escolha de um caso pode se tornar importante para outras possíveis análises.

Patton (1990) substitui o termo generalização e opta pelo termo extrapolação. A extrapolação apresenta-se com um significado mais ágil e mais adequado no que se refere às possibilidades de transferência de conhecimento de um caso a outro caso posterior. As conclusões de um estudo poderão ser extrapoladas ou transferíveis para outros casos tendo em conta as similaridades das condições particulares e contextuais de cada situação (MEIRINHOS e OSORIO, 2010, p. 54).

Nesse sentido, por meio desta escolha, busco tornar compreensível a particularidade de um campo para que em outras pesquisas acerca do assunto possam ser possíveis realizar generalizações.

Dito isto, ressalto que, diante de toda trajetória e referenciais teóricos expostos até aqui e que justificam a adoção do Estudo de Caso, considero que esta metodologia contribui para melhor análise de dados e de todo o panorama do projeto analisado nesta pesquisa e suas contribuições para o ambiente escolar e para a experiência docente.

Para conhecer os caminhos do projeto desenvolvido no Espaço Itaú de Cinema, a opção metodológica para levantamento de dados consiste na realização de entrevista com atores participantes do Projeto. Uma dessas escolhas consiste na conversa realizada com a criadora do Projeto, Patricia Durães. Outra escolha

consiste na entrevista realizada com um professor participante do Projeto Escola no Cinema, o qual não será identificado nesta pesquisa.

Obtive um caminho curto a percorrer na seleção dos entrevistados, uma vez que, do lugar de ex-funcionária do cinema, os dados me foram concedidos prontamente para fins de utilização nesta pesquisa. Diante disso, por meio de dados fornecidos pelo próprio Projeto pude encontrar os atores que atendiam ao meu perfil de busca. Os entrevistados tornaram-se mais próximos, neste caso, assim como o próprio objeto de pesquisa em si. Assim, foi possível ter acesso ao banco de dados e ao registro de todas as escolas que passaram pelo Espaço Itaú de Cinemas no período de tempo selecionado para esta pesquisa. De posse desses dados, entrei em contato com o total de dez professores através de e-mails explicando sobre a pesquisa, objetivos e convidando a participarem.

Através dos dados disponibilizados pelo cinema, obtive o contato de dez professores que levaram suas turmas para participar do Projeto. Dentre os dez professores que contactei, obtive retorno de dois, os quais tiveram muito interesse e empenho em participar da pesquisa, contando suas experiências e percepções acerca da utilização de espaços não formais de ensino. Ambos costumavam a utilizar o cinema como ferramenta para desenvolver trabalhos dentro de sala e ressaltaram a importância de tal atividade.

Em relação aos professores que pude entrevistar, um deles atua na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, com formação e licenciatura em Artes e posteriormente cursou Cinema. Esse professor, acredita na importância de manter os alunos em contato com espaços culturais de forma a contribuir para a formação do aluno enquanto cidadão, além de também desenvolver trabalhos que envolvem cinema como gravação de filmes onde os alunos podem explorar o mundo cinematográfico. Já o outro professor que entrevistei atua no nível superior de ensino privado e também julga necessária a utilização de espaços não formais como parceiros da escola, ampliando o conhecimento e a vivência dos alunos no sentido de ocupar a cidade. Contudo, mesmo considerando relevantes suas contribuições, o que proporcionaria uma rica análise, não foi utilizada a entrevista desse professor, pois suas turmas são de graduação. Sendo assim manter sua entrevista na análise representaria fugir da minha proposta inicial de pesquisa, que está ligada diretamente ao Ensino Fundamental.

Para nortear as entrevistas, optei pela criação e aplicação de entrevistas semiestruturadas. Tendo em vista que os entrevistados não são passivos nesse processo e que influenciam na pesquisa como um todo, a escolha por este tipo de entrevista, possibilita uma maior liberdade para que possa colocar sua vivência e suas impressões, o que permite uma análise de dados mais adequada ao campo qualitativo.

Meu objetivo não era fazer perguntas nas quais o entrevistado ficasse preso em uma resposta. Sob esse aspecto, Meirinhos e Osório (2010) ressaltam que uma característica da entrevista semiestruturada é a possibilidade do entrevistado ter uma liberdade maior para discorrer sobre o assunto. Para tanto, as perguntas não poderiam ser engessadas ou restritas a um protocolo único e limitado, onde os professores poderiam relatar suas vivências e a contribuição do projeto para sua prática docente.

Sobre a escolha da entrevista como técnica de coleta de dados, segundo Meirinhos e Osório (2010, p. 63),

Neste tipo de entrevista, o entrevistador estabelece os âmbitos sobre os quais incidem as questões. Como referem Vázquez e Angulo (2003), comparadas com as entrevistas estruturadas, as entrevistas semi-estruturadas não pressupõem uma especificação verbal ou escrita do tipo de perguntas a formular nem, necessariamente, da ordem de formulação. Para além de possuírem características diferentes, também Flick (2004) aponta algumas vantagens das entrevistas semi-estruturadas sobre as estruturadas, dado que estas últimas limitam o ponto de vista do sujeito ao impor quando, em que sequência e como tratar os assuntos. Em suma, a entrevista semi-estruturada não segue uma ordem pré-estabelecida na formulação das perguntas, deixando maior flexibilidade para colocar essas perguntas no momento mais apropriado, conforme as respostas do entrevistado (MEIRINHOS e OSÓRIO 2010, p. 63).

A opção feita pela entrevista semiestruturada, por sua característica, possibilita o entrevistado ser mais livre, podendo trazer elementos fundamentais para a pesquisa e não apenas respondendo perguntas objetivas, mas que pudesse expor suas opiniões e impressões, de maneira que fosse o mais sincero e genuíno possível.

Meirinhos e Osório (2010) ressaltam como a entrevista pode ser rica no sentido de nos trazer dados relevantes, bem como a importância da interação entre o entrevistado e o entrevistador nessa troca de informações e conhecimentos.

A entrevista é um ótimo instrumento para captar a diversidade de descrições e interpretações que as pessoas têm sobre a realidade. O investigador qualitativo tem, na entrevista, um instrumento adequado para captar essas realidades múltiplas (Stake, 1999). A entrevista é considerada uma interação verbal entre, pelo menos, duas pessoas: o entrevistado, que fornece respostas, e o entrevistador, que solicita informação para, a partir de uma sistematização e interpretação adequada, extrair conclusões sobre o estudo em causa. (MEIRINHOS e OSORIO 2010, p. 62)

O local de encontro das entrevistas foi o Espaço Itaú de cinemas, pois é de fácil acesso e conhecido pelos participantes. A entrevista aconteceu numa postura informal como um bate-papo, onde iniciava me apresentando e falando do Programa de Mestrado do qual faço parte e explicando como seria nossa entrevista.

Antes de começar a entrevista, o professor entrevistado era avisado de que a conversa seria gravada, para que pudesse transcrever e assim fazer uma melhor análise futura e a gravação da entrevista era iniciada após o entrevistado consentir que fosse realizado o procedimento explicado pela pesquisadora. Para a realização da entrevista, foram organizadas dezesseis perguntas e, como disse anteriormente, cada professor entrevistado, bem como a criadora do Projeto, Patrícia Durães poderia ser livre nas escolhas dos caminhos para tratar de suas experiências. Na verdade, quanto mais revelassem sobre suas impressões acerca do projeto e possíveis resultados com seus alunos, mais instigante e rica ficaria. E essa foi a escolha feita, tendo como objetivo dar mais liberdade aos entrevistados.

Como nos expõem Oliveira, Fonseca e Santos (2010) no momento da entrevista, acontece uma troca de conhecimentos e experiências entre o entrevistador e o entrevistado, carregada de vivências, culturas e aspectos sociais. De acordo com esses autores,

Ambos são detentores de conhecimento, que estabelecem sentidos e significados aos fatos observados, expressando sentimentos e situação de classe, etnia, gênero, etc., não existindo uma relação de comunicação assimétrica (OLIVEIRA, FONSECA, SANTOS, 2010, p. 41).

O roteiro da entrevista proposta nessa pesquisa, inicia-se com o reconhecimento do professor, perguntas acerca de sua trajetória e há quanto tempo está/estava em exercício da profissão. A vivência do professor é de grande relevância, o pode nos trazer diversas perspectivas sobre as atividades propostas para serem executadas fora das salas de aula. Questões que são inerentes à prática do professor, com todos os prazeres e desafios de se estar frente a frente com os

alunos também estão contempladas. O questionário também aborda questões sobre hábitos culturais, em específico o cinema, e a periodicidade com que o frequenta.

Os aspectos anteriormente delineados, permitem que seja feito um paralelo entre o hábito desse profissional e a sua prática em sala de aula, seguindo com a pergunta acerca da importância da utilização de espaços além dos muros da escola e o cinema como parceiro. Para mais informações sobre o/os “público/os” dos quais estávamos falando e para ter um melhor panorama foram feitas perguntas que buscavam saber sobre as motivações para tirar turmas da escola e realizar passeios e eventos em espaços formais e não formais.

Em relação à pergunta se a escola era pública ou privada, é fundamental levar em consideração todas as questões acerca da educação e toda sua discrepância, para que possamos entender e ressaltar os aspectos que muitas vezes são diferentes em relação aos dois segmentos. Nessa linha de raciocínio, questões referentes à proximidade da escola do cinema e a maneira como chegavam até lá para participarem de atividades, ou mesmo refletir se a escola tinha algum tipo de incentivo e até mesmo transporte próprio para essa finalidade são aspectos a serem considerados.

No que diz respeito aos alunos, considerei de extrema relevância incluir uma pergunta especificamente direcionada a eles e ao hábito de frequentarem cinema. Para finalizar, a pergunta era referente ao que o professor poderia destacar sobre possíveis impactos da atividade proposta pelo Projeto Escola no Cinema em sua prática em sala de aula.

Com esse breve panorama sobre a vida docente dos entrevistados, pode ser possível ter uma perspectiva do possível impacto do Projeto em sala de aula, baseando em depoimentos de profissionais que estão no cotidiano escolar lidando diretamente com os discentes. Evidente que as questões referentes ao cotidiano escolar são muito mais complexas e abrangentes do que poderemos revelar com a pesquisa. Porém, são relatos importantes da vivência de professores com alunos e, por sua vez, podemos ter uma maior compreensão das dificuldades e problemas encontrados pelos educadores no momento em que decidem realizar alguma atividade fora dos muros da escola.

Após as entrevistas realizadas, foi feita a transcrição das mesmas e, posteriormente, a leitura exaustiva das transcrições para que pudesse criar uma famili-

aridade com as respostas e assim contribuir com a construção das categorias temáticas necessárias para o tratamento dos dados, mediante a aplicação da técnica de Análise de Conteúdo.

Com base no que nos diz Franco (2005), para o uso da técnica de Análise de Conteúdo, não basta apenas fazer uma análise do que foi dito na entrevista sem levar em conta outras questões muitas vezes não verbalizadas como, por exemplo, estar atento as expressões faciais, a forma como o entrevistado se expressa, se a fala é entusiasmada ou não, dentre outras características que não podemos captar apenas pelo que foi falado e posteriormente transcrito. Esses são cuidados que o pesquisador deve ter para analisar o conteúdo apresentado nas respostas, tendo a sensibilidade de fazer a análise, considerando dados e impressões além do que foi dito, ter a sensibilidade de fazer a análise como um todo.

Os resultados da análise de conteúdo devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos e capturáveis no âmbito das comunicações emitidas. (FRANCO 2005, p. 24)

Ainda tratando-se da Análise de Conteúdo, Oliveira, Fonseca e Santos (2010) destacam a importância de se perceber dados que não são expostos verbalmente. Para isso, o pesquisador precisa ser perspicaz para compreender os sentidos do que não foi verbalizado e sim ficou suspenso no ar. Contudo, sempre com delicadeza e respeito com as falas dos entrevistados para que seja o mais real e fiel à fala dos mesmos.

A AC e sua característica diretamente ligada à linguagem, a qual é um dos pilares da vida em sociedade, possibilita um melhor caminho para analisar as falas dos professores, um dos profissionais que estão presentes no cotidiano da educação e que se constitui como ator principal desta pesquisa.

Nesse sentido, a análise de conteúdo assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. Linguagem, aqui entendida, como uma construção real de toda sociedade e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagens, pensamento e ação. (FRANCO, 2005, p. 14)

A fala do professor, como já dito anteriormente, rica e de grande contribuição para esta pesquisa será analisada, onde as principais colocações serão clas-

sificadas em categorias temáticas. O que será de grande contribuição para a pesquisa e para a análise dos possíveis impactos do Projeto Escola no Cinema em sala de aula e até mesmo como parceiro do professor em sua atividade.

Considerando tudo o que foi delineado neste capítulo, gostaria de destacar a relevância da pesquisa e as escolhas metodológicas feitas para seu desenvolvimento, entendendo as potencialidades para se pensar o cinema como parceiro da escola. Contudo, é evidente que muitas questões estão em pauta quando falamos em acesso a determinados espaços. Alguns exemplos dessas questões são os meios de transporte para chegar até o local desejado, a violência que existe nos grandes centros, autorização dos pais para a saída da escola e até mesmo a falta de divulgação ampla sobre as atividades que acontecem nos centros culturais de forma gratuita ou popular.

Diante do exposto, destaco que meu objetivo não é apontar soluções, mas sim trazer essa pauta para o debate para pensarmos o cinema como um potencial parceiro da escola, de forma a produzir enriquecimentos não somente no âmbito cultural, mas também no que diz respeito à ocupação de espaços na cidade, em interação com os saberes produzidos no espaço escolar.

Diante do exposto, algumas perguntas se apresentam para reflexão: Qual seria a leitura e a percepção dos professores antes da sessão de cinema? Teriam algum tipo de observação ou percebido em sala de aula alguma diferença em seus alunos e no comportamento deles após participarem do Projeto? Ou apenas apreciado o filme e a aula em um outro ambiente que não em sala, independentemente de ser um cinema, trazendo outras perspectivas de ensino e a troca que acontece entre professores e alunos?

No capítulo seguinte, tratarei da análise dos dados de pesquisa oriundos da entrevista com o professor com atuação na rede pública de ensino, trazendo para debate as questões encontradas após a análise e categorização.

4 DECUPAGEM – CENAS E LEITURA DO PERCURSO

Neste capítulo, falarei sobre o caminho que trilhei após a escolha do objeto e como foi esse processo, a decisão do recorte temporal, como consegui chegar até os atores desta entrevista e com isso finalizando com a Análise de Conteúdo do material que obtive com a entrevista.

Como já mencionado neste trabalho, o Projeto Escola no Cinema sempre fez parte da minha trajetória e foi o que me levou ao desejo pesquisa-lo. Contudo, a proximidade que ter trabalhado no Espaço Itaú me trouxe, foi de extrema importância ao acesso às fontes, seja pelo contato com a criadora do Projeto e também por viver o outro lado da moeda, estar presente nas sessões não apenas como espectadora, entender intrinsecamente como é o funcionamento do cinema.

Quando decidi pesquisar o Projeto, já era de meu conhecimento, uma planilha que fazia o controle das datas, escolas participantes com número de alunos, professores responsáveis e filme escolhido. O que facilitaria imensamente meu contato com os professores que tivessem levado seus alunos ao cinema. Em vista disso, entrei em contato com Patrícia Durães, a criadora do Projeto, expus meu interesse de que minha pesquisa de Mestrado fosse o Projeto escola no Cinema, que imediatamente me cedeu os dados para que pudesse me comunicar com os professores e convidá-los a participarem da pesquisa.

Ao iniciar a pesquisa decidi delimitá-la entre os anos de 2017 e 2019 e somente o Projeto que acontece no Espaço Itaú de Botafogo – Rio de Janeiro, pois o Projeto é vasto, atuando em diversos Estados com grande participação das escolas, o que tornaria a pesquisa inviável devido ao tempo disponível no Curso de Mestrado. A forma que encontrei para entrar em contato com os professores, foi por e-mail, fazendo minha apresentação e falando de meus objetivos de pesquisa sobre o Projeto escola no Cinema. Dentre os dez professores com os quais tentei contato, apenas dois responderam com bastante interesse em contribuir. Aqui gostaria de salientar a boa vontade e o entusiasmo dos professores que responderam à pesquisa em relação às atividades propostas pelo cinema e pelo Projeto. Porém, como já exposto neste trabalho, não pude utilizar uma entrevista, pois um dos professores que participou do Projeto, levou uma turma de graduação, o que

sairia bastante dos meus planos de pesquisa, visto que meu objeto está ligado ao Ensino Fundamental.

Para trazer ao texto essa perspectiva, apresentarei os quadros com dados relativos à participação no Projeto Escola no Cinema, levando em consideração a data, filme exibido, escola (onde classifico sendo pública ou privada) e quantidade de alunos participantes. Dados os quais julgo necessários para compreensão da posterior análise, onde decidi não expor alguns elementos, como nome da escola e do professor que desenvolveu a atividade junto com o Projeto. Iniciarei a apresentação com o quadro do ano de 2017, seguindo pelo de 2018 e concluindo com o do primeiro semestre do ano de 2019.

Projeto Escola no Cinema 2017 – Botafogo

DATA	FILME	ESCOLA	ALUNOS
12 / janeiro	Moana – Um mar de aventuras	Pública	250
09 / abril	Era o Hotel Cambridge	Pública	30
07 / maio	Era o Hotel Cambridge	Pública	100
TOTAL			380

Projeto Escola no Cinema 2018 – Botafogo

DATA	FILME	ESCOLA	ALUNOS
08 / agosto	Hotel Transilvânia	Particular	25
08 / agosto	Os Incríveis	Particular	112

20 / setembro	Ferrugem	Pública	20
21 / novembro	A Última Abolição	Pública	100
TOTAL			272

Projeto Escola no Cinema 2019 (1º Semestre) – Botafogo

DATA	FILME	ESCOLA	ALUNOS
13 / março	Tito e os Pássaros	Particular	21
16 / março	Detetives do Prédio Azul	Pública	200
26 / março	Eleições	Pública	100
17 / abril	Dumbo	Particular	30
TOTAL			351

A partir da leitura e análise dos quadros anteriormente apresentados neste capítulo, destaco a relevância da quantidade de alunos que passaram pelo cinema, que mesmo não tendo um grande público no Espaço Itaú do Rio de Janeiro, conseguiu atingir uma quantidade significativa de contemplados pelo Projeto. Contudo, um fator que é bastante importante quanto ao que se diz ao acesso, a maioria das escolas participantes do Projeto, nesse recorte temporal, são da Rede Pública de Ensino. Algo que, para minha história pessoal, é muito importante no sentido de identificação com essas crianças e adolescentes que também estão tendo uma oportunidade a mais de estarem vivendo o cinema, tendo a experiência e aprendendo coisas novas e ocupando diferentes espaços.

Outra forma de ler o acesso ao projeto e as potencialidades que o mesmo apresenta, ocorre por meio de entrevistas que realizei com professores participantes do Projeto Escola vai ao Cinema.

Para isso, estruturei o roteiro de entrevista a partir de perguntas que permeiam tanto a prática e o dia a dia do professor em sala, quanto seus hábitos, como por exemplo, se ele tem o costume de frequentar cinemas. E para melhor conhecer o campo o qual estava investigando, o roteiro também considera perguntas sobre sua trajetória docente e o tempo de atuação. Ainda sobre o ator de minha pesquisa, perguntas relacionadas à opinião acerca da utilização do cinema no processo de ensino aprendizagem e qual o papel do professor como facilitador desse processo, permeavam a conversa.

Posteriormente, segue-se com perguntas relacionadas aos alunos, especificamente os que participaram do Projeto, se a escola era pública ou privada, se os alunos tinham o hábito de frequentar cinemas, se a localização era próxima ao espaço Itaú e, caso necessário, quais meios de transporte utilizava para levar seus alunos a participar das ações do projeto. Abordando a questão do transporte, senti a necessidade de fazer uma pergunta sobre incentivo e as principais dificuldades encontradas para realizar tais atividades.

A última parte da entrevista é composta com perguntas sobre o que foi observado em sala de aula após ter passado pelo Projeto, se conseguia destacar um possível impacto no cotidiano desses alunos, seja uma melhora no processo de ensino aprendizagem, até mesmo o cinema sendo mais um estímulo nessa troca entre professor e aluno.

Continuando minha caminhada, após as entrevistas, chegou o momento da análise, onde apenas uma entrevista estaria dentro do meu objetivo de pesquisa. Com a transcrição, pude fazer uma densa leitura e, assim, pude classificar em categorias e subcategorias as respostas coletadas na entrevista. Um fator relevante que por vezes não poderá ser percebido pela transcrição, mas estava presente no olhar e na fala do professor entrevistado, era a sua paixão e entusiasmo quando se referia ao seu ofício, aos alunos e as atividades em espaços não formais de ensino – em especial o cinema – como parceiros da Escola.

Contudo, para a análise, elaborei um quadro que facilitará a visualização do conteúdo que mais apareceu ao longo da entrevista, que mais saltou aos olhos e que conseqüentemente era o fator mais relevante para aquele professor. Baseada nisso criei um quadro com categorias temáticas, subcategorias, frequência e exemplos com citações do entrevistado, onde sua fala pode corroborar as categorizações.

Quadro categorial-temático

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIA	FRE-QUÊNCIA	EXEMPLO
EQUIPAMENTOS CULTURAIS	Cinema /	14	<p>“...eu costumo levar eles no museu, exposição...”</p> <p>“...ao mesmo tempo que eu estava estudando Educação Artística, eu comecei a estudar cinema também. E ambos começaram a me instigar nessa questão de como você passa o conhecimento visual, da leitura visual... porque é um... eu percebo que é um aspecto muito importante porque auxilia muito na formação dos jovens e das crianças...”</p>
	museu /	6	
	exposição /	5	
	Museu Nacional /	1	
	CCBB /	2	
	Jardim Botânico /	1	
	Instituto Moreira Sales	1	
NOVAS EXPERIÊNCIAS	Estar em outro ambiente /	4	<p>“E, só pelo fato deles estarem em outro ambiente parece que dá um boom assim neles porque eles encaram de uma forma totalmente nova”</p> <p>“Eu acho que é extremamente importante essa questão de você levar... primeiro que o aluno já sai daquela questão de aula, daquele ambiente que ele fica lá todos os dias...”</p> <p>“E muitas vezes, esses espaços tem experiências lúdicas que é extremamente importante pro desenvolvimento das crianças,</p>
	Atividades fora da escola /	4	

			especialmente Fundamental I. E no Fundamental II eu também acho importante... talvez um pouco menos a questão lúdica, mas a questão deles terem contato com o conhecimento ali pessoalmente com eles.”
O QUE PODE FICAR...	<p>A experiência do cinema marca o aluno /</p> <p>Importante na formação do indivíduo /</p> <p>Impacto a longo prazo</p>	<p>3</p> <p>5</p> <p>2</p>	<p>“Então tem sempre essa questão do tema, mas vai muito além da questão do tema da disciplina até porque, por exemplo, eles viram um filme que não tinha nada a ver com a disciplina, mas era importante... era de um tema que era importante para a vivência deles, pra relação deles com seu dia a dia.”</p> <p>“Então é importante sim pra a formação do aluno enquanto cidadão e também para ele perceber que o conhecimento não é só uma questão dele gravar datas pra prova ou passar no ENEM, se for um aluno de Ensino Médio, mas pra ele tomar conhecimento do mundo ao redor dele, de como ele faz parte desse mundo, como ele pode influenciar esse mundo de forma positiva e como ele pode se deixar ser influenciado por esse mundo também.”</p> <p>“Eu não posso dizer os impactos imediatos, mas posso dizer os impactos a longo pra-</p>

			<p>zo. Porque, assim, eu penso que a experiência deles irem ao cinema, ela não se resume só ver o filme e depois comentar sobre o filme em sala de aula ou depois da sala de cinema. Eu não tenho como medir, ele é imensurável porque ele pode surgir daqui a vários meses, daqui um ano ou daqui a dois anos porque dependendo do grau de profundidade que foi atingido determinado aluno.”</p>
<p>DIFICULDADES PARA REALIZAR AS ATIVIDADES</p>	<p>Transporte / Falta de incentivo</p>	<p>6 2</p>	<p>“Bom... especialmente... bom eu poderia dizer que é a questão de poder ajudar no transporte porque pra mim é o maior obstáculo de poder levar os alunos para outros lugares que não seja a escola.”</p> <p>“Quando eu trouxe aqui foi por conta própria. E também teve a vez que a gente levou os alunos, acho que no Cinemark, mas também não teve nada não. A única vez que eu... que a gente teve alguma ajuda da escola, foi quando eu dava aula em Friburgo em que a diretora deu o dinheiro da festa junina para levar os alunos ao cinema.”</p>

De agora por diante neste capítulo, procurarei construir um diálogo entre a tabela em que apresento a análise categorial-temática das respostas com base na Análise de Conteúdo e as perguntas que levaram o enredo de nossa conversa na

entrevista, na qual o professor participante aponta questões relevantes do seu cotidiano e observações relevantes sobre o ato de levar suas turmas para atividades fora dos muros da escola.

Como descrito no quadro, fiz minhas classificações dentro da forma que julguei ser mais pertinente e coerente para a análise, e a divisão foi em *categorias temáticas, subcategorias, frequência e exemplo*. Na coluna de *categorias temáticas*, procurei criar os grupos de elementos que sempre apareciam na fala do entrevistado e que, de certa forma, sempre voltavam a aparecer ou ser abordada, ou seja, elementos que me saltaram aos olhos durante as inúmeras vezes que li o texto da entrevista.

Dentro de *categorias temáticas*, senti a necessidade de fazer a divisão em: *equipamentos culturais, novas experiências, o que pode ficar e dificuldades para realizar as atividades*. Através das *categorias temáticas* onde existiu a possibilidade de criar grupos e assim organizar a análise do texto, permitindo a visualização do tema abordado e tornando-o de mais fácil compreensão. E para continuar a análise, todas as categorias possuem subcategorias, onde, de certa forma, pode se ter uma visão do caminho que percorri na leitura da entrevista para poder fazer as classificações.

Em *subcategorias* expus elementos que apareceram na fala do professor entrevistado e que, de certa forma, tinham uma conexão com outras palavras que também expressavam o mesmo sentido ou sentimento. Contudo, a coluna de *subcategorias*, é onde fundamento a coluna de *categorias temáticas*, pois é em *subcategorias* que estão o agrupamento de elementos que justificam a criação dos grupos em *categorias temáticas*. Essas palavras que destaquei em *subcategorias* e que permitiram que pudesse criar as *categorias temáticas*, são elementos fundamentais para a compreensão desta pesquisa, onde a análise da entrevista tem seu início. Entretanto, sinto a necessidade de trazer a este texto uma parte da tabela como exemplo. Na coluna *categorias temáticas* no grupo *equipamentos culturais*, sua subcategoria nos mostra todos os elementos que foram encontrados na fala do professor entrevistado que falem sobre cultura de um modo geral. Onde posso destacar as palavras que aparecem no texto e que estão nessa *subcategoria*, são: cinema, museu, exposição, Museu Nacional, CCBB, Jardim Botânico e Instituto Moreira Sales.

Como já destacado, são elementos que estão diretamente ligados à cultura na Cidade do Rio de Janeiro, espaços em sua maioria abertos ao público com preços acessíveis ou sem custo algum. Elementos presentes na fala do professor, que destaca a importância da utilização desses espaços para a formação de seus alunos.

O que gostaria de destacar aqui é a visão desse educador, que enxerga grande potencial de ensino e aprendizagem em espaços não formais, buscando novas alternativas e espaços para essa troca, não somente entre professor/aluno, mas também com o meio em que vive, como forma de conhecer e ocupar sua cidade. É importante, ainda, considerar que a utilização de espaços outros como aliados da escola, era latente na fala do professor e também em sua expressão ao falar com entusiasmo sobre as experiências vividas.

Seguindo com o reconhecimento da tabela, tão importante quanto as outras duas colunas que expus anteriormente, pois existe uma conversa entre elas, é a coluna da *frequência*, onde indico a quantidade de vezes que determinadas palavras ou expressões aparecem na fala do entrevistado. O que torna mais fácil a visualização do que está sendo abordado. Essa quantificação se faz necessária para que a possamos ter dimensão do que foi abordado na entrevista e o que o entrevistado nos coloca como fundamental em sua fala.

E para finalizar a apresentação da tabela, na coluna *exemplo*, trago o texto para essa conversa com as demais colunas. Lá destaco trechos da entrevista que me levaram a contabilizar e criar as *subcategorias* e as *categorias temáticas*, trazendo o texto para a análise, aproximando essa conversa entre categorias e quantidade de vezes que aparecem na fala do professor entrevistado. O *exemplo*, no caso a fala do entrevistado, é pertinente à compreensão do que foi exposto nas colunas anteriores, trazendo não apenas elementos destacados do texto, mas sim um depoimento real de quem vive o cotidiano da sala de aula e a convivência com os alunos.

Neste momento sinto a necessidade de destacar trechos da entrevista para uma mais fácil compreensão da tabela e o caminho percorrido até a análise. Para começar a entrevista, senti necessidade de conhecer um pouco a trajetória do entrevistado, uma maneira de quebrar um possível nervosismo inicial e começarmos a dialogar sobre a história desse entrevistado no âmbito profissional.

1. Fale sobre sua trajetória. Como escolheu ou veio para o trabalho docente?
2. Há quanto tempo dá aula?

Após essa conversa acerca da vivência do entrevistado, direciono as perguntas ao meu objeto de estudo, ou seja, faço perguntas diretamente ligadas a espaços não formais de ensino e a importância em sua visão como professor. Meu objetivo era trazer elementos para que o entrevistado pudesse ficar livre em suas respostas e que pudesse fazer suas considerações sobre o tema da pesquisa. Começo abordando sobre espaços não formais de ensino de uma maneira geral e ampla, para depois direcionar ao cinema, nesse momento aparecem os elementos os quais utilizei como exemplo pra falar de *categorias temáticas* e *subcategorias*, apareceram elementos como Jardim Botânico, CCBB, Instituto Moreira Sales entre outros.

Ainda sobre as perguntas direcionadas aos espaços não formais de ensino, desenvolvo com perguntas mais específicas sobre a prática enquanto professor para o entrevistado, com isso trazer à conversa as pautas pertinentes, o chão da escola e a vivência desse profissional em si.

3. Você costuma utilizar outros espaços fora da sala de aula em sua prática pedagógica? Por que? Quais espaços?
4. Você acha importante usar outros espaços?
5. Você tem o hábito de ir ao cinema?
6. No caso do cinema, como você acha que os filmes contribuem no processo de ensino e aprendizagem?
7. Qual o papel do professor, em sua opinião, quando utiliza outros espaços/recursos em sala de aula?
8. O que o motiva a procurar outros lugares como parceiros da sala de aula?

Continuando a análise dessa sequência de perguntas, a mesma está diretamente ligada a *equipamentos culturais*, onde nessa *categoria temática* o entrevistado destaca, como citado anteriormente, toda espécie de espaço além dos muros da escola como fundamentais e de grande colaboração com a prática dentro e fora de sala de aula.

No próximo momento da entrevista que irei destacar, trago para a conversa perguntas que possam nos mostrar um pouco mais sobre a escola que participou

do Projeto, uma pergunta de extrema importância no contexto social ao qual estamos inseridos, que é saber se a escola é de rede pública ou privada. Ainda sob essa perspectiva, sigo com perguntas relacionadas a incentivos e meios de transportes para realizar atividades fora do ambiente escolar. Entretanto, sobre os alunos, tenho o interesse em saber mais sobre os hábitos, se o cinema para eles é uma realidade, se costumam frequentar tais espaços.

9. A escola é da rede pública ou privada?
10. A escola é próxima ao cinema?
11. Como leva os alunos ao cinema, quais meios de transporte utiliza?
12. Tem alguma ajuda ou incentivo por parte da escola, governo ou qualquer outra organização?
13. Os alunos têm o costume de frequentar cinemas?

Nesse momento da entrevista, que está inserida na *categoria temática* de *dificuldades para realizar as atividades*, onde o tema que ressaltado é sobre hábitos e também sobre incentivos e dificuldades para realizar as atividades em espaços não formais, aparece na fala do entrevistado aspectos que nos mostram as barreiras encontradas por professores e alunos quando o assunto é uma atividade fora da Escola. Como a falta de incentivo – de maneira geral por parte da Escola, por vezes pela não flexibilização do valor da entrada em alguns espaços e até mesmo governamentais que não estimulam tais práticas - e a dificuldade com a locomoção, ou seja, dificuldade em conseguir um meio de transporte seguro. Em muitos casos, os professores utilizam o transporte público para chegar ao espaço onde acontecerá a atividade.

Com isso, quando destaco a importância da Escola ser da Rede Pública ou Privada, pois é de grande relevância no que se refere aos incentivos e possibilidades de conseguir realizar atividades em outros espaços que não a escola. Traço para reflexão, mesmo parecendo redundante, sinto a necessidade de destacar a diversidade no campo da Educação no Rio de Janeiro, com diferentes realidades e oportunidades para seus alunos.

Na próxima sequência, a ideia central das perguntas é sobre os possíveis impactos das atividades em espaços não formais tanto na vida desses alunos, quanto nas posteriores atividades também em sala de aula. Nesse contexto, abordo o entrevistado em relação à sua percepção, buscando que destacasse em

sua resposta alguma mudança em relação aos alunos que participaram da atividade.

14. Na perspectiva do professor, quais os impactos em sala de aula?
15. Você percebe uma melhora no processo de aprendizagem?
16. Caso o professor que levou alunos da rede privada também trabalhe na rede pública, coloque os principais pontos que diferem uma da outra em relação à utilização do cinema como um espaço não formal de educação.

Este momento da entrevista está ligado a *categoria temática* de *o que pode ficar*, como já mencionado nesta pesquisa, não somente em relação ao conteúdo escolar com as atividades elaboradas dentro e fora de sala de aula, mas na vivência desses alunos. O entrevistado não considera ser possível mensurar o impacto imediatamente, mas leva em consideração a importância de ocupar tais espaços no processo educacional desse indivíduo e até mesmo na consciência enquanto cidadão. Ou seja, a experiência do cinema, seja com objetivo pedagógico ou não, é considerado importante nesse processo.

Gostaria de destacar uma *categoria temática* que me chamou bastante a atenção, pois tem presença marcante na fala do professor que é *novas experiências*, onde o mesmo relata diversas situações onde o aluno tem o despertar do olhar para o novo, o diferente e se pensar enquanto sujeito naquele espaço. Todavia, na fala do professor, a relevância de tais atividades se dá também pela perspectiva de sair da escola para fazer atividades em outros espaços, ampliando o conceito de troca e aprendizagem desses alunos.

Levando em consideração a entrevista e as análises, podemos considerar que, mesmo não sendo possível mensurar os possíveis impactos na vida dos alunos participantes do Projeto escola no Cinema, é inegável que a atividade no cinema pode trazer outras perspectivas e também oxigenar a relação entre professor e aluno devido à sua ludicidade. Contudo a ocupação de espaços não formais de ensino, bem como espaços de cultura fazem parte também de um processo de uma Educação libertadora, onde o indivíduo é protagonista em sua jornada.

Considerando esse protagonismo de que falamos anteriormente e a importância de se propor atividades que articulem cinema e escola no cotidiano da sala

de aula e da prática pedagógica, o próximo capítulo apresentará uma proposta de produto educacional que se organiza em duas etapas e que considera: (a) a produção de oficinas pedagógicas como forma de investimento na formação continuada de professores para desenvolver ações voltadas para a perspectiva de trabalho que envolve cinema e escola; (b) a criação de um aplicativo para celular contendo informações a partir do reconhecimento dos itinerários entre escola/cinema e o reconhecimento da cidade em que habita.

PRODUTO EDUCACIONAL - *MISE-EN-SCÈNE* O OLHAR PARA A CIDADE ATRAVÉS DO CINEMA

Como resultado final desta pesquisa de Mestrado, tenho o objetivo de desenvolver dois produtos, sendo um no formato de oficina e o outro um aplicativo para celular. Tendo em vista todo o objeto da Dissertação, a qual aborda a utilização de espaços não formais de ensino como parceiro da escola, os produtos estão diretamente ligados aos espaços não formais e o cinema.

Os produtos visam a integração de professores e alunos com espaços outros, ou seja, ocupar os espaços dos centros onde vivem para a realização de atividades, sendo o foco desta pesquisa, a utilização do cinema. Em relação aos aparelhos celulares, cabe ressaltar que, ultimamente, foram amplamente difundidos e podem vir a ser instrumentos para maior interação com os espaços histórico-culturais que fazem parte ou não do cotidiano dos alunos.

O primeiro produto consiste em uma oficina voltada para professores, e se estrutura a partir de um debate acerca da vivência do cinema e também a experiência de viver a cidade. Quando falamos em levar turmas para uma atividade além dos muros da escola, não podemos ignorar todo o trajeto que será percorrido, que pode ser bastante interessante do ponto de vista educativo e também artístico.

A oficina acontecerá em dois dias com uma hora de duração cada uma, contudo, com a atual conjuntura de pandemia de COVID-19, os encontros acontecerão em um ambiente virtual de aprendizagem e dentro do contexto do Projeto de Extensão Universitária “Roda de Conversas – cotidiano e escola”. Iniciaremos

com a apresentação de filmes dos irmãos Lumière, e a reflexão sobre o que conhecemos como cinema atualmente. Os irmãos Lumière, quando iniciaram suas gravações, filmavam cenas do dia a dia, como a saída de funcionários de uma fábrica e a chegada do trem em uma estação, ou seja, cenas do cotidiano que estavam presentes todos os dias para a maioria das pessoas. Entretanto, logo o cinema trilha para o caminho da arte, onde o registro do cotidiano não era mais suficiente. A partir deste momento começaram as encenações e filmes com um enredo. Pensando nisso, essa perspectiva se insere em nossa atividade propondo que os participantes escolham lugares nos quais gostariam de fazer um filme. Normalmente, quando decidimos registrar algo, o mesmo tem alguma importância ou sentido, queremos guardar para a posteridade, mostrar para alguém e até mesmo porque nos agrada esteticamente.

O objetivo da oficina é trazer para o debate atividades que podem ser desenvolvidas dentro e fora de sala de aula, como, por exemplo, considerando o contexto de uma turma que vai participar do Projeto Escola no Cinema e percorrerá um caminho pela cidade. No Rio de Janeiro, temos uma infinidade de recursos espalhados pelas ruas e praças, como: monumentos, prédios históricos, pontos turísticos, a beleza da cidade, a natureza com toda sua fauna e flora e tantos outros elementos. O que venho propor é, no momento do deslocamento, que tenhamos os olhos atentos ao nosso redor, onde alunos e professores podem realizar uma atividade de registros até a chegada ao cinema, destacando o que mais lhes saltou aos olhos. Com esses registros e inspirados pela magia do cinema, em desdobramentos futuros, se possível, a turma poderia criar um curta com os registros da cidade ou, ainda, do caminho percorrido.

A partir desse ponto de vista, trazendo para a prática do professor e o tema de minha pesquisa, temos a proposta de realização de um debate sobre o olhar dos alunos participantes de tais atividades, não só em relação ao conteúdo fílmico, mas também o olhar para a sua cidade e o que está ao seu redor. Contudo, partindo desta perspectiva, o que busco é essa interação entre aluno e cidade, promovendo um olhar mais cuidadoso e curioso com lugares que possivelmente passam todos os dias. A ideia original era fazer uma oficina para professores onde todos seriam convidados a sair da sala e fazer um vídeo com seus celulares de no máximo dois minutos com algo que lhes chamou a atenção no ambiente em que estaríamos. Ao retornar, os vídeos seriam exibidos para todos para uma pos-

sível comparação entre as imagens e falaríamos sobre os elementos destacados para pensarmos na perspectiva individual.

Entretanto, na oficina no formato online, a atividade proposta será dividida em dois momentos. No primeiro encontro após a apresentação e o debate sobre cinema, vamos indicar que cada um deverá fazer um vídeo de no máximo dois minutos com o que decidir mostrar aos outros participantes da oficina, o que é relevante aos olhos de quem filma e salvar os vídeos em um drive criado especificamente para a oficina, para que possamos exibir no segundo encontro e debater sobre o olhar. No vídeo, o registro feito pelos participantes será aberto para debate, bem como suas considerações sobre escolha das imagens e a maneira como filmou. Para conseguir construir uma unidade entre todos os vídeos da oficina, será proposto um tema, onde cada participante deverá trazer a sua perspectiva para uma única proposta de trabalho.

Contudo, o objetivo de tal atividade, é trazer para professores, uma possibilidade de debate com seus alunos, onde o olhar não só o artístico proporcionado pelo cinema está em questão, mas a ocupação da cidade e o reconhecimento dela. Onde os alunos, ao se deslocarem da escola para o cinema, podem fazer registros do que mais chamou a atenção no caminho. Pensar a produção de um filme como algo que pode ser trabalhado em sala de aula, sem uma perspectiva Hollywoodiana, mas como os irmãos Lumière nos mostraram, com cenas do nosso cotidiano. Entretanto, atividades de cunho artístico, como esquetes e encenações também são bem-vindas, onde a imaginação ganha asas.

O segundo Produto, será um aplicativo para celulares, com a mesma temática da oficina. O aplicativo terá o objetivo de registrar, por exemplo, quando o aluno vai ao cinema, ele pode registrar que esteve naquele determinado espaço, se passou por um ponto turístico, criar rotas e também poderá registrar sua atividade. O mesmo também poderá ser feito com monumentos e patrimônios históricos, como forma de ampliar o conhecimento e o debate sobre nossa Cidade e a nossa história. O aplicativo poderá ser desenvolvido e utilizado por alunos e professores em suas atividades fora dos muros da escola.

As tecnologias, que estão tão presentes no cotidiano de tantas pessoas, podem ser utilizadas para realizar atividades com os alunos, sendo assim, mais uma atividade que possa instigar e atrair os alunos com uma abordagem atual e

capaz de possibilitar outra maneira de dialogar com o meio, explorando lugares conhecidos e desconhecidos através do aplicativo a ser desenvolvido.

Ao final, meu objetivo com esses dois produtos é estreitar laços entre professores, alunos com o cinema e espaços não formais de ensino de maneira geral. Onde o processo de ensino e aprendizagem pode acontecer em contato com a arte e com a sua cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - SINOPSE

Neste momento, chegando ao final desta pesquisa, gostaria de mais uma vez ressaltar o quão importante foi o contato com o cinema e a cultura, de maneira geral, no meu processo de aprendizagem e na minha vivência. Como aconteceu com o Projeto Escola no Cinema através de atividades que minha querida Escola Minas Gerais desenvolvia com seus alunos, o que me proporcionou o hábito de buscar espaços culturais e ter apreço à arte, como filmes, músicas, exposições e também livros. Como nos diz Freire (2018 p. 34), “[...] é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação.”

Na perspectiva dos espaços não formais de ensino, consideramos relevante o debate sobre a cidade. Ser presente, estar presente e ocupar a cidade é algo que pode parecer bastante comum para alguns, mas não necessariamente se aplica à maioria. A cidade como também parceira da escola, possibilita ocupar, conhecer e reconhecer o local que habita. De acordo com Gadotti (2006, p.134) “[...] Na cidade que educa, todos os seus habitantes usufruem das mesmas oportunidades de formação, desenvolvimento pessoal e de entretenimento que ela oferece.”

Entretanto, gostaria de retornar ao meu objeto de pesquisa, que é o cinema, de característica encantadora e linguagem que atinge crianças, jovens e adultos. O cinema, desde sua invenção, guarda uma magia que sempre tocou seu público e o instigou a entrar no mundo da imaginação.

Estar em contato com espaços culturais, espaços não formais de ensino, ao longo de minha formação de estudante de educação básica e posteriormente fazendo parte de minha formação acadêmica através de estágios e também do trabalho desenvolvido no Espaço Itaú de Cinemas, foram fundamentais para a escolha de meu objeto e do meu tema de pesquisa. Trabalhar com um tema que sempre me instigou e que no Mestrado se tornou possível pesquisar, representa lidar com algo que se mistura com minha história, o que faz com que, em muitos momentos, eu deixe escapar ao texto muito carinho e admiração. Fazer parte do Projeto, não somente enquanto aluna, pode me trazer perspectivas outras, permi-

tiu-me sentir pertencente e também enxergar que é possível aproximar crianças, jovens e adultos da magia do cinema, o que é bastante simbólico e emocionante para mim.

Ao longo do caminho que percorri, como acredito ser bastante comum, a pesquisa mudou de cara algumas vezes. É muito interessante perceber como um pensamento inicial vai se transformando ao passo que vamos olhando mais de perto e diante das possibilidades e dos questionamentos que surgem acerca do objeto em questão. Mesmo com acesso aos dados do Projeto, com frequência, escolas participantes, filmes etc, esbarrei em alguns percalços, como a dificuldade em encontrar professores que necessariamente tenham participado do Projeto e que queiram responder à entrevista. Sobre essas dificuldades, acredito que o tempo escasso dos professores ou o deslocamento foram alguns pontos que dificultaram o processo.

Contudo, senti a necessidade de trazer ao texto, a fala da criadora do Projeto, a qual é rica em vivência e boas histórias, como a da criação do Projeto Escola no Cinema com seu sócio Adhemar de Oliveira. A contribuição de Patrícia na entrevista que me concedeu é fundamental para se entender toda a trajetória percorrida até o momento atual, em que o projeto conta com várias salas em diferentes Estados, que proporcionam o encontro de escolas com o cinema.

Entretanto, como já mencionado neste trabalho, fazer parte e ver muito de perto o Projeto foi determinante na escolha da metodologia utilizada, o Estudo de Caso, pois o olhar para o Projeto Escola no Cinema de diferentes ângulos, era algo inerente em minha vivência. E, ao longo da pesquisa, as inquietações com questionamentos e perguntas a serem feitas, me desafiou a trabalhar a análise dos dados coletados por meio das entrevistas com e a partir da técnica de Análise de Conteúdo, pois me pareceu ser a melhor metodologia a ser adotada, considerando-se a importância que de se trabalhar a análise a partir da perspectiva categorial-temática.

A análise que realizei para a entrevista com um professor da Rede Pública, que tem o hábito de realizar atividades que envolvam cinema, gravações e arte de uma maneira geral. Deixou bem claro na entrevista a importância de tais atividades, não só no que se refere a conteúdos, mas para a vida desses alunos como melhorar a autoestima e o relacionamento entre eles e com a sociedade de maneira geral. Pontuou também, sobre o Projeto e a importância de ter o acesso fa-

cilitado em espaços como o cinema, onde conteúdos diversos podem auxiliar às atividades em sala, gerando debates e também proporcionar um encontro a mais com a arte. Mesmo diante desse relato, o professor não pode apresentar dados que comprovassem um impacto no processo de ensino/aprendizagem de seus alunos de maneira imediata, mas acrescenta que pode ser importante em um espaço mais longo de tempo, ou seja, algo que ficará para a vida desses alunos.

Com o desenvolvimento da Análise de Conteúdo, onde nos debruçamos sobre os resultados encontrados de forma mais íntima, ou seja, onde pudemos analisar com mais detalhamento e proximidade, percebi na fala do entrevistado, em diversos momentos, características positivas em relação a utilização do cinema como parceiro da escola. Mesmo não sendo possível identificar os possíveis impactos, é inegável o quão importante e prazeroso desenvolver e participar de tais atividades além dos muros da escola.

REFERÊNCIAS

- ALEGRIA, João. DUARTE, Rosália. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação, *Educação e Realidade*, v. 33, n.1, 2018.
- ARAÚJO, Helena Maria Marques. Educar através da(s) Memória(s), *e-Mosaicos. Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ)*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, 2017.
- _____. Memória e produção de saberes em espaços educativos não-formais. *Cadernos do CEOM – Chapecó*: Argos, 2007, n. 26
- ARROYO, Miguel G. *Currículo, território em disputa*. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. *Outros Sujeitos, outras Pedagogias*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DUARTE, José B. *Estudos de caso em educação. Investigação e profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização*. Revista Lusófona de Educação, 2008, 11, 113-132.
- FANTIN, Mônica. *Mídia-Educação e Cinema na Escola, Teias*: Rio de Janeiro, ano 8, n. 15-16, jan/dez 2007.
- FERREIRA, Rodrigo de Almeida. *Luz, Câmera e História!: Práticas de Ensino com o Cinema*. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018 (Coleção Práticas Docentes)
- FERRO, Marc. In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novos objetos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- FRANCO, Maria Laura Puglise Barbosa. *Análise de conteúdo*. 2 ed. Brasília – Liber Livro Editora, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FRESQUET, Adriana. *Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica, dentro e “fora” da escola*. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 – (Coleção Alteridade e Criação, 2).
- _____. *Aprender com experiências do cinema / organizadora, Adriana Fresquet*. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ: 2009 – (Coleção Cinema e Educação)
- GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal, 2005. Transcrição de Conferência organizada pelo Institut International des Droits de l’Enfant (IDE)

Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse).

_____. *A escola na cidade que educa*. Cadernos CENPEC. 2006 n.1.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos*, Investigar em Educação, n. 1, 2014.

_____. *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*, Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006

LEMOS, Adriana Falqueto. *Cinema e Sala de Aula: Propostas e Reflexões*. Macapá, v. 5. n .1, 1º semestre, 2015.

MARCONDES, Maria Inês, TEIXEIRA, Elizabeth, OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Metodologias e técnicas de pesquisa em educação*. Belém: EDUEPA, 2010.

MEIRINHOS, Manuel, OSÓRIO, António. *O estudo de caso como estratégia em educação*. EDUSER: Revista de educação, Vol 2 (2), 2010 – Inovação e investigação em educação – Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Educação.

MESQUITA, Cláudia. *Algumas reflexões sobre o potencial pedagógico dos museus da cidade do Rio de Janeiro para a construção do conhecimento em história nos ensinamentos fundamental e médio*, Anais XII Encontro Regional de História – ANPUH, 2006.

MIRANDA, Cláudia. Riascos, FANNY Milena Quinones. *Pedagogias Decoloniais e Interculturalidade: desafios para uma agenda educacional antirracista*, Educação em Foco, Juiz de Fora, v. 2 n. 3, p. 545-572, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2018.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho. *Cinema e Ensino de História: Realidade escolar, propostas e prática na sala de aula*, Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, v. 5, ano V, n. 2, 2008.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; FONSECA, Maria de Jesus da Conceição Ferreira; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. *A entrevista na Pesquisa Educacional* In MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (orgs.). *Metodologias e Técnicas de Pesquisa em Educação*. Belém: EDUEPA, 2010.

SZYMANSKI, Heloisa. *Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa*. In SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, REGO, Regina Célia Almeida (org.). *A Entrevista na pesquisa em Educação – a prática reflexiva*. 4ª Ed., Brasília: Liber Livro, 2011.

APÊNDICE A – Ficha de cadastro de professores**IDENTIFICAÇÃO****NO-****ME:** _____

IDADE: _____**NOME DA ESCOLA:**

BAIRRO DA ESCOLA:

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL**ENSINO SUPERIOR –****IES:** _____**CURSO:** _____**ANO DA FORMAÇÃO:** _____**PÓS-GRADUAÇÃO: NÃO () SIM ()****CURSO:** _____**IES:** _____**CURSO:** _____**IES:** _____ **REDE PÚBLICA** **REDE PRIVADA** **AS DUAS**

APENDICE B – Roteiro da entrevista dos professores

- Fale sobre sua trajetória. Como escolheu ou veio para o trabalho docente?
- Há quanto tempo dá aula?
- Você costuma utilizar outros espaços fora da sala de aula em sua prática pedagógica? Por que? Quais espaços?
- Você acha importante usar outros espaços?
- Você tem o hábito de ir ao cinema?
- No caso do cinema, como você acha que os filmes contribuem no processo de ensino e aprendizagem?
- Qual o papel do professor, em sua opinião, quando utiliza outros espaços/recursos em sala de aula?
- Como soube do projeto Escola no cinema?
- O que o motiva a procurar outros lugares como parceiros da sala de aula?
- A escola é da rede pública ou privada?
- A escola é próxima ao cinema?
- Como leva os alunos ao cinema, quais meios de transporte utiliza?
- Tem alguma ajuda ou incentivo por parte da escola, governo ou qualquer outra organização?
- Os alunos têm o costume de frequentar cinemas?
- Na perspectiva do professor, quais os impactos em sala de aula?
- Você percebe uma melhora no processo de aprendizagem?
- Caso o professor que levou alunos da rede privada também trabalhe na rede pública, coloque os principais pontos que diferem uma da outra em relação à utilização do cinema como um espaço não formal de educação.

APÊNDICE C – Roteiro entrevista Patrícia Durães

- Sobre a história do projeto, o que efetivamente te moveu a cria-lo?
- Diante de todo esse tempo de projeto, o que pode ressaltar como aspectos positivos ou negativos?
- Gostaria de modificar algo?
- Quais dificuldades o projeto encontrou?
- Sobre o retorno de professores e alunos, o que já ouviu sobre o projeto?
- Sobre reações, que tipo de reações observa de professores e alunos?
- Você destacaria um fato importante durante esse tempo de projeto?
- Já teve algum tipo de procura para que o projeto pudesse ser desenvolvido em outros lugares?
- Sobre o alcance do projeto, acredita estar conseguindo atingir o público esperado? (caso resposta negativa, quais medidas acredita serem necessárias para aumentar a demanda?)
- Como você consegue mapear o alcance ou o impacto do projeto?
- Existe algum feedback com os alunos que participam (tem registro)?
- Como você acha que o projeto pode contribuir com a escola e o processo de ensino aprendizagem?
- O que você aprendeu com o projeto?